

8-28-2012

CRISE DO NATURAL: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA E SUAS RELAÇÕES COM A ESFERA SOCIAL NA NOVÍSSIMA PROSA LATINO-AMERICANA.

Danielle Murta de Laborde Affonso

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/span_etds

 Part of the [European Languages and Societies Commons](#), and the [Latin American Languages and Societies Commons](#)

Recommended Citation

Affonso, Danielle Murta de Laborde. "CRISE DO NATURAL: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA E SUAS RELAÇÕES COM A ESFERA SOCIAL NA NOVÍSSIMA PROSA LATINO-AMERICANA.." (2012).
https://digitalrepository.unm.edu/span_etds/3

This Thesis is brought to you for free and open access by the Electronic Theses and Dissertations at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Spanish and Portuguese ETDs by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Danielle Murta de Laborde Affonso

Candidate

Spanish and Portuguese

Department

This thesis is approved, and it is acceptable in quality and form for publication:

Approved by the Thesis Committee:

Leila Lehnen, Chairperson

Jeremy Lehnen

Kimberle Lopez

Margo Milleret

**CRISE DO NATURAL: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES
DA NATUREZA E SUAS RELAÇÕES COM A ESFERA
SOCIAL NA NOVÍSSIMA PROSA LATINO-AMERICANA.**

by

DANIELLE MURTA DE LABORDE AFFONSO

B.A., English Language and Literature, Universidade Federal de
Minas Gerais, 2008

THESIS

Submitted in Partial Fulfillment of the
Requirements for the Degree of
Master of Arts

M.A., Portuguese

The University of New Mexico
Albuquerque, New Mexico

July, 2012

DEDICATÓRIA

Esta tese é dedicada à minha querida mãe, Girselle, fonte eterna de inspiração e resiliência. A você, mãe, com muito amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

“Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente aquilo que as convenções desejariam banir [...]. É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.”
Antonio Candido

Meu profundo agradecimento à Professora Doutora Leila Lehnen, minha orientadora e presidente da banca examinadora, pela imensa generosidade em compartilhar de seu conhecimento, tanto através dos cursos lecionados quanto durante os longos meses de escrita e reescrita destes capítulos. Sua orientação e estilo profissional servirão de modelo para a continuação da minha carreira. Agradeço também pelo seu constante estímulo e apoio durante os momentos mais tempestuosos desta trajetória. Ao Professor Doutor Jeremy Lehnen, minha gratidão por todos os ensinamentos e principalmente pelo incentivo para que eu expressasse minhas ideias nas discussões em classe. Antônio Candido diz que a literatura *“não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver.”* Obrigada pelo caráter humanizador da literatura ensinada por vocês.

À Professora Doutora Kimberle Lopez, meu muito obrigada pelas inúmeras e preciosas trocas de ideias e palavras reconfortantes acompanhadas de seus deliciosos cupcakes. Agradeço à Professora Doutora Margo Milleret pelos gestos de confiança no meu trabalho e pelo incessante aconselhamento. A todos os membros da banca, obrigada pelos inestimáveis comentários e recomendações pertinentes a este estudo e pelas colaborações ao meu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Agradeço ao meu pai, Carlos Morici, pelo carinho e encorajamento. Ao meu irmão, Leandro, pelos comentários bem-humorados e pelas risadas provocadas em momentos de tensão. À Helena, meu anjo na Terra. Ao meu padrinho, Valico, por ter mudado a minha vida de maneira irreparável. Aos amigos Marcos, Marianna e Ana Carolina, pelo amor e amizade incondicionais, apesar da distância. Aos amigos do Brasil, jamais esquecidos. Aos amigos que fiz em Albuquerque e que pretendo levar para o resto da vida. Aos colegas da Universidade do Novo México, pelo intercâmbio de culturas e saberes.

Finalmente, agradeço ao meu namorado Daniel, por cada um dos momentos de luta e de celebração que compartilhamos nestes quase dois anos. Obrigada por estar na minha vida e por alimentar essa relação baseada no desejo mútuo de sucesso.

**CRISE DO NATURAL: PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA
E SUAS RELAÇÕES COM A ESFERA SOCIAL NA NOVÍSSIMA PROSA
LATINO-AMERICANA.**

By

Danielle Murta de Laborde Affonso

M.A., Portuguese, University of New Mexico, 2012

ABSTRACT

This thesis approaches the fictional works of three contemporary Latin American authors: the Brazilian writers Regina Rheda, Leticia Wierzchowski and the Argentine author Gustavo Nielsen. In selected works by these writers *Humana Festa* (2008); *Os Aparados* (2009) and *El Corazón de Doli* (2010), respectively, I analyze the literary representation of nature in relation to neoliberalism and globalization in Latin America. My study considers the explicit and implicit values attached to the ecological in contemporary society, how the environment is represented in contemporary literature and how it dialogues with current political, social and cultural trends. The thesis explores how the fictional works in question broach the traditional division between nature and (neoliberal, globalized) culture.

All three novels posit consumer culture as an agent of destruction – both ecological and social. At the same time, however, the texts paradoxically propose consumption (of purportedly eco-friendly goods) as the remedy for environmental and human degradation. Rheda's, Wierzchowski's and Nielsen's fictions combine the discourse of ecocriticism with that of consumerism. In this framework, it can be argued that, in Rheda's, Wierzchowski's and Nielsen's fictions, consumption is a *pharmakon* (*A Farmácia de Platão*; Derrida, 1991) of sorts to nature. As such, the three novels in question articulate the shifting discourse on nature that prevails in the contemporary period: Nature is seen as both a material resource and as a resource to counteract materialism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

RIO+20, A PROBLEMÁTICA DO MEIO AMBIENTE E SUA APROPRIAÇÃO POR PARTE DO ANIMAL HUMANO.....	1
---	---

CAPÍTULO I:

O PODER DE CONSUMO COMO INSTRUMENTO DA CIDADANIA VERDE EM <i>HUMANA FESTA</i> (2008) DE REGINA RHEDA.....	10
---	----

CAPÍTULO II:

A(M)PARADOS: DILÚVIO, AGONIA E SALVAÇÃO ATRAVÉS DO CONSUMO EM <i>OS APARADOS</i> , DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI.....	29
---	----

CAPÍTULO III:

SUJEIÇÃO DE VIDAS AO IMPÉRIO GLOBAL EM <i>EL CORAZÓN DE DOLI</i> (2010), DE GUSTAVO NIELSEN.....	48
--	----

CONCLUSÃO:

SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	77
--	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81
--	-----------

INTRODUÇÃO: RIO+20, A PROBLEMÁTICA DO MEIO AMBIENTE E SUA APROPRIAÇÃO POR PARTE DO ANIMAL HUMANO

Entre os dias treze e vinte e dois de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, realizou-se a **Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável** (CNUDS), mais popularmente conhecida como “Rio+20”. A razão do acrônimo simplificado se refere ao fato do encontro acontecer vinte anos após a **Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento** (CNUMAD), também conhecida como ECO-92 ou Rio-92. Durante os dez dias do evento, delegações de cento e noventa e três países, organizações não-governamentais (ONGs), integrantes de movimentos sociais e representantes da sociedade civil discutiram temas relacionados à famigerada – e controversa – “economia verde”. De acordo com o porta-voz da Rio+20, Pragati Pascale, o encontro se tornou o maior evento já realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU). A Rio+20 também contou com uma fortíssima presença midiática. Segundo Pascale, “mais de 50 milhões de pessoas acessaram o site da conferência. Somente no twitter em inglês, a hashtag Rio+20 apareceu mais de 1 bilhão de vezes e a plataforma brasileira sobre o evento teve mais de 1 milhão de acessos”¹, o que evidencia a relevância da temática do “meio ambiente sustentável” na atualidade e urgência de debate em torno da mesma.

A questão ambiental vem, de fato, tomando destaque em diversas áreas de conhecimento e se articulando de forma transdisciplinar progressivamente. Evidentemente, também florescem inúmeras manifestações artísticas sobre o tema, em

¹ Fonte: <http://www.jb.com.br/ambiental/noticias/2012/06/22/rio20-e-o-maior-evento-ja-realizado-pela-onu-diz-porta-voz/>

especial nos domínios do cinema, das artes plásticas e da literatura, da qual esta tese se ocupará. Nas artes cinematográficas, documentários como *Fast Food Nation* (dir. Richard Linklater, 2006) *Food, Inc.* (dir. Robert Kenner, 2008) e *Meat the Truth* (dir. Karen Soeters, Gertjan Zwanikkendir, 2008) revelam os obscuros e insalubres processos industriais pelos quais passam os alimentos que chegam à mesa do consumidor norte-americano e os efeitos colaterais destas práticas no meio ambiente. Os documentários também alarmam a audiência para o alastramento deste modelo de produção pela indústria alimentícia de maneira global. No espectro ficcional, a produção hollywoodiana *Avatar* (dir. James Cameron, 2009), recordista mundial de bilheteria, expõe aos espectadores os conflitos vividos em decorrência da sondagem humana na fantástica natureza de Pandora.

O cenário de produções cinematográficas no Brasil se mostra igualmente expressivo na atualidade. *Recife Frio* (dir. Kleber Mendonça Filho, 2009) examina as mudanças culturais de uma cidade nordestina que passa por uma alteração climática severa. *Sertão Progresso* (dir. Cristian Cancino, 2010) investiga a maior obra sob o governo do ex-presidente Lula – planejada para abastecer doze milhões de brasileiros que vivem na região semiárida do país com água potável – e todo o histórico político-econômico que sempre assombrou o sertão do Brasil. *À margem do Xingu: Vozes Não Consideradas* (dir. Damià Puig, 2011) retrata a angústia e a incerteza dos habitantes a serem afetados pela complexa e polêmica construção de Belo Monte, que promete ser a terceira maior usina hidrelétrica do mundo, depois de Três Gargantas, na China, e Itaipu, também brasileira. *O Veneno Está na Mesa* (dir. Silvio Tendler, 2011), denuncia o risco que os trabalhadores agrícolas e consumidores correm ao serem expostos a uma

quantidade extremamente elevada de agrotóxicos. A pressão exercida pelo agronegócio no Brasil faz com que o país seja, desde 2008, o maior usuário de pesticidas, herbicidas e fungicidas do mundo. Finalmente, *Tamboro* (dir. Sergio Bernardes, 2009) explora todo o Brasil – desde a Floresta Amazônica até aos Aparados da Serra, passando pelos grandes centros urbanos – para traçar um panorama atual das questões socioambientais do país.

No âmbito das artes plásticas, o projeto “Pictures of Garbage Series”², do brasileiro radicado em Nova Iorque Vik Muniz, exhibe um encontro entre arte e lixo que transformou as vidas de alguns catadores de materiais recicláveis no aterro de Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro. A exibição apresenta fotografias de instalações criadas com materiais provenientes do aterro, ressignificados em retratos dos catadores e resultando em títulos como “Double Monalisa”.

A arena literária demonstra a mesma eflorescência na sua produção. Esta tese se deterá especificamente da novíssima produção latino-americana acerca da percepção do meio-ambiente e de sua representação vis-à-vis o consumo – material e cultural – na contemporaneidade. A investigação abordará as obras ficcionais de três autores latino-americanos contemporâneos: as escritoras brasileiras Regina Rheda e Leticia Wierzchowski e o escritor argentino Gustavo Nielsen. Nas obras selecionadas, *Humana Festa* (2008); *Os Aparados* (2009) e *El Corazón de Doli* (2010), respectivamente, analisarei como se delinea a representação literária da natureza em relação à globalização neoliberal na América Latina. Meu estudo considera os valores explícitos e implícitos ligados ao “ecológico” na sociedade contemporânea, como algumas das várias facetas do conceito de “meio ambiente” são representadas na

² O projeto referido acima também deu origem ao aclamado documentário *Waste Land /Lixo Extraordinário* (dir. Lucy Walker, 2010).

literatura contemporânea e como elas dialogam com as tendências políticas, sociais e culturais atuais. A tese explora a forma como as obras fictícias em questão abordam a tradicional divisão entre “natureza” e cultura – neoliberal e globalizada – e combinam o discurso da eco-crítica com o de consumo. Todos os três romances, cada qual à sua medida, entendem a cultura do consumo como um agente de destruição, tanto ecológica quanto social. Ao mesmo tempo, no entanto, os textos paradoxalmente propõem o consumo como remédio para a degradação ambiental e humana. Neste quadro, pode-se argumentar que, nas obras de Rheda, Wierzchowski e Nielsen, o consumo é um *pharmakon* (*A Farmácia de Platão*; Derrida, 1991) para a natureza, sendo ao mesmo tempo seu veneno e seu remédio. Desta forma, os três romances articulam o discurso sobre natureza que prevalece no período contemporâneo: a natureza é vista como um material de recursos e como um recurso para lidar com o materialismo.

O especialista em teoria literária moderna Timothy Clark, em *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment* (2011), discorre sobre três conceitos de extrema relevância para a compreensão deste estudo. Primeiramente, Clark aborda a complexidade embutida na definição do que é “natureza”. De acordo com o estudioso, no sentido mais amplo, natureza é a totalidade das estruturas, substâncias e poderes casuais que estão no universo. Neste sentido, evidentemente, a humanidade é parte da natureza, nunca poderia ser qualquer outra coisa e até mesmo um depósito de lixo radioativo é tão natural quanto um floco de neve ou uma cachoeira (6). Um segundo sentido da natureza é aquele que geralmente está em pauta na política ambiental. Aqui, a natureza nomeia o mundo não-humano, o não-artificial, considerado como um objeto de contemplação humana, exploração, maravilha ou terror. Neste sentido, cultura e natureza se opõem (7).

Em terceiro lugar, a natureza pode significar simplesmente a característica definidora de algo, como a “natureza” da democracia, ou a “natureza” da natureza (7), indicando a mais pura essência do que está sendo tratado. Mais adiante, o estudioso fala sobre uma “crise do natural”, uma vez que os limites entre o natural e o artificial se tornaram porosos em vista de projetos que, por exemplo, envolvem plantações de alimentos geneticamente modificados ou possíveis manipulações na biologia humana (7). Segundo Clark, a definição do que é natural ou não se tornou muito problemática e o que "natureza" realmente é se torna menos evidente e mais controverso à medida em que o tempo passa (8). Em decorrência desta latente espécie de anomia, a eco-crítica acaba refletindo um traço marcante da crise moderna do “natural”, dado o desafio ao modo como o conhecimento humano está organizado. Demarcações anteriormente aceitas entre as ciências naturais, sociais e humanas não estão apenas sob pressão, mas estão efetivamente sendo transgredidas e até desconsideradas em muitas das controvérsias que envolvem as questões ambientais. Por exemplo, uma questão sobre a quantidade de dióxido de carbono que uma indústria deve estar autorizada a emitir é ao mesmo tempo uma questão de política, economia, estudos de clima, química, segurança social, ética inter-geracional e até mesmo dos direitos dos animais. Em suma, eco-crítica compõe a arena de um cruzamento interessante e imponderável de disciplinas intelectuais e políticas. Sua proposta é a de não ser apenas um subconjunto de uma outra crítica literária, mas sim uma análise provocativa de questões que são simultaneamente, da ciência, da moral, da política e da estética (8).

O que levou os homens a se apropriarem da natureza e fazerem dela uma indústria? Como se chegou ao ponto de domínio e convicção de superioridade por parte

dos animais humanos aos animais não-humanos e a todo resto do que se conhece como criação divina? De acordo com Clark, a razão principal desta desvinculação entre os homens e os outros milhares de espécies que existem se encontra no antropocentrismo, responsável por colocar o homem numa posição de centralização organizacional e de privilégio em relação aos outros seres que habitam a terra.

Diversos teóricos vêm abordando este tema sob diferentes perspectivas e períodos na história, e cabe expor algumas delas para que se compreenda a formação do sectarismo estabelecido entre o humano e os demais seres. O histórico Lynn White Jr.³, no ensaio denominado “Raízes Históricas para Nossa Crise Ecológica”, atribui a crise à tradição judaico-cristã. De acordo com seu postulado, o Genesis, “a striking story of creation”(4), teria feito com que os homens percebessem que toda a criação teria como função servi-los. Os homens, feitos à imagem e semelhança do Criador, teriam sido escolhidos para governar a terra. René Descartes, através de suas cartas filosóficas (Kenny, 1981), elaborou a tese que impunha uma separação total entre homem e animal: animais não eram dotados de alma e eram, assim, reduzidos a um aparato, a uma máquina. A propósito, o filósofo preferia o termo “besta” para se referir aos não-humanos, uma vez que “animal” implicava a ideia de que todo e qualquer ser vivo era possuidor de uma alma (lat. *anima*). Giorgio Agamben, em *The Open: Man and Animal* (2004), discute como esse patamar privilegiado que o homem alcançou dentre as demais espécies foi calculadamente “fabricado” e validado pelo que ele chama de “máquina antropológica” do pensamento ocidental. O pensador italiano aponta diversas falhas no fio condutor da construção divisora que a “máquina” opta por ignorar ao longo de toda a história da humanidade.

³ Professor de História das universidades de Princeton e Stanford.

Nota-se que essa obsessão por uma fenda separatória definitiva entre animal humano e não-humano apresenta uma ideologia excludente semelhante à que se verifica no trato entre animais humanos. Lévi-Strauss, em *Totemism* (1963) sugere que:

It is because man originally felt himself identical to all those like him that he came to acquire the capacity to distinguish *himself* as he distinguishes *them*—i.e., to use the diversity of species for conceptual support for social differentiation (101).

Em outras palavras, pode-se dizer que a segregação homem versus animal fornece subsídios para a segregação homem versus homem em contextos raciais, políticos, culturais, entre outros. Esta tese pretende verificar o espaço de interseção onde se evidencia a insistente dissociação tanto entre o homem e seu meio ambiente, quanto entre homens de camadas socioeconômicas distintas, através do consumo.

Nos três textos primários a serem analisados, observa-se não somente a degradação ambiental, mas também a degradação social. É importante salientar que o conceito de sustentabilidade – tão discutido em fóruns como a Rio+20 e abordado em manifestações artísticas mencionadas acima– está apoiado em três pilares: o ambiental, o econômico e o social. A rescisão do Contrato Animal⁴, que proporia leis de coexistência num habitat comum, é análoga à ruptura do Contrato Social⁵, que asseguraria o bem comum de uma dada sociedade. Como resultado desta quebra, respectivamente, surgem “a noção do animal como um outro, desconhecido e ameaçador, e a noção da animalização do humano como princípio máximo de abjeção e de degradação social” (Ferreira, 2005 123).

⁴ Termo criado por Desmond Morris, em livro homônimo, publicado em 1990.

⁵ Termo indicador de um conjunto de teorias que investigam os processos de formação de Estados bem como a manutenção da ordem social.

É neste contexto de políticas ambientais, suas dinâmicas socioeconômicas e suas transformações socioculturais frente à globalização neoliberal que este estudo se funda. Contando com um aporte teórico interdisciplinar entre eco-crítica literária, sociologia e antropologia, examinarei a esfera da cidadania e das relações de consumo na ficção brasileira e hispano-americana, considerando o importante fato de o Brasil e a Argentina serem os maiores exportadores latino-americanos de recursos naturais⁶. No capítulo I, “O poder de consumo como instrumento da cidadania verde em *Humana Festa* de Regina Rheda”, busco investigar a tensão da prática individual do veganismo no âmbito da globalização cultural e econômica. Ao mesmo tempo que o veganismo desaprova os efeitos prejudiciais de globalização (produção em massa de gêneros alimentícios, engenharia genética agrícola e pecuária, etc.), ele também é informado e sustentado por este processo. O capítulo destaca essa ambivalência no texto primário, apontando o paradoxo criado pela propagação da globalização tanto na consciência individual, quanto no consciente sócio-cultural coletivo. Ainda neste capítulo, aponto a ironia contida no fato de o veganismo na obra aniquilar o comércio local e favorecer o comércio de produtos importados, o que anda na contramão da problemática da emissão de carbono, além de prejudicar a sustentabilidade no âmbito social do termo. No capítulo II, “A(m)parados: dilúvio, agonia e salvação através do consumo em *Os Aparados* de Letícia Wierzchowski”, lidarei com a temática da usurpação do meio ambiente pela faixa mais favorecida da sociedade, das consequências desta apropriação, e do privilégio do espaço privado que esta camada possui ao poder se articular na fuga da cólera de uma natureza ferida. Também procurarei identificar os aspectos concernentes à – falta de – cidadania e sociabilidade da classe econômica dominante. No terceiro capítulo, intitulado

⁶ Fonte: https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/wfbExt/region_soa.html

“Sujeição de Vidas ao Império Global em *El Corazón de Doli* de Gustavo Nielsen”, revelo a crítica pontual feita pelo autor à sociedade contemporânea, jogando com uma realidade distópica e, ao mesmo tempo, tão verossímil. No romance de Nielsen, vidas humanas e não-humanas são igualmente consumidas por quem detém mais recursos financeiros e reproduzidas artificialmente, gerando uma severa “crise do natural” que influencia toda a sorte de relações interpessoais na obra. A natureza se apresenta escassa e simboliza o resquício de sensibilidade e emoção da civilização pós-moderna representada no enredo.

Num âmbito mais amplo, esta tese explora o caráter “neo-naturalista” da produção literária latino-americana atual, atenta à luta pela sobrevivência – através do consumo – na sociedade contemporânea, altamente governada pelo corporativismo transnacional. Considerando como “meio ambiente” todo e qualquer espaço onde habitem seres sencientes, este estudo investiga a inseparabilidade das relações do homem com a natureza e com a sociedade num mundo que parece cada vez menor devido à globalização.

CAPÍTULO I: O PODER DE CONSUMO COMO INSTRUMENTO DA CIDADANIA VERDE EM *HUMANA FESTA* (2008) DE REGINA RHEDA

Hoje em dia não pensamos muito no amor de um homem por um animal; rimos de pessoas que são apegadas a gatos. Mas se pararmos de amar aos animais, não estaremos na iminência de pararmos de amar os humanos, também? -- Alexander Solzhenitsyn

Tendo o direito dos animais como princípio ético, o veganismo se faz uma maneira de reclamar e difundir uma – de certo modo – nova forma de cidadania na atualidade: a cidadania verde, uma questão que vem provocando efervescência e interesse em variados campos de estudo, desde engenharia, economia e antropologia, até gastronomia, sociologia, moda e literatura. Este é o tema principal da obra da escritora brasileira residente nos Estados Unidos, Regina Rheda, intitulada *Humana Festa* (2008). Como consequência do posicionamento vegano de alguns dos personagens, relações comportamentais na obra, tanto interpessoais como intrapessoais, e relativas ao consumo de comida e vestimenta, principalmente, mudam drasticamente de configuração, onde “certo” e “errado” se (con)fundem. É possível observar, portanto, que além do fator moral do qual o veganismo é imbuído, o poder de consumo é um outro pilar no qual este tipo de cidadania fortemente se apoia. Atrelar-se-á à análise da obra a teoria de Zygmunt Bauman sobre a sociedade de consumo e suas correlações com a cidadania. Este capítulo se propõe a examinar como a cidadania verde, assim como todas as outras cidadanias – principalmente a civil e social – é privilégio de uma determinada camada da sociedade e não passa somente pela disposição em veementemente desempenhar um papel ecologicamente correto na sociedade. Além disso, pretendo demonstrar o imenso paradoxo que a proposta pró-vegana da obra a ser analisada apresenta: a ênfase nos

direitos dos animais em detrimento de alguns dos direitos humanos, como o tratamento igualitário de pessoas pertencentes a classes sociais diferentes, o que afeta a totalidade do argumento “sustentável”.

A história do romance se passa no eixo Estados Unidos-Brasil e tem como personagens pessoas de níveis intelectuais – mas também sociais – bastante distintos, o que traz diferentes respostas às práticas veganas, cada qual de acordo com sua realidade social e poder aquisitivo. Megan, uma estudante americana de mestrado em Literatura Comparada cuja tese se baseará na filosofia dos direitos dos animais, vegana, é namorada do brasileiro Diogo L. Bezerra Leitão, estudante da Faculdade da Floresta, mas também futuro herdeiro de um império agropecuário e suinocultor no Brasil. Megan e Diogo vivem instabilidades que ultrapassam o cunho afetivo. Além da moça ainda ser apaixonada por River – ativista norte americano ironicamente chamado por Diogo de “o Perfeitinho” – as rugas entre o casal se dão principalmente pela dificuldade inicial do brasileiro em se adaptar à cultura vegana e, sobretudo, pela iminência em herdar uma fortuna adquirida às custas de crueldade e exploração de animais humanos e não-humanos. Os Bezerra Leitão – como a escolha do sobrenome feita pela autora parece criativamente indicar – são uma família abastada que vive no interior de São Paulo. O patriarca é um multimilionário possuidor de quatro fazendas nos estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em apenas uma delas, há cinquenta mil cabeças de gado em “criação intensiva”, curral de concreto repleto de animais confinados, além de inúmeros empreendimentos pós-porteira, que vêm a ser, de acordo com o próprio empreendedor quando explica a seu filho a expansão das atividades:

Matadouro, frigorífico, curtume, açougue, esse tipo de coisa. De cinco anos pra cá, abri vários. Até fábrica de sabão eu abri. Já nem sei quantos mil empregos criei [...]. Mas não realizei tudo sozinho não. Justiça seja feita à *Holy Hill*, que investiu, e aos governadores, que apoiaram. (Rheda 237)

Trata-se, portanto, de um excelente negócio em franco desenvolvimento. A industrialização da cadeia produtiva agrícola e pecuária surge com o fenômeno da globalização – enfatizada pelo neoliberalismo idealizado nos anos 70 e contando com nomes como Milton Friedman para sua realização – que se instalou em países subdesenvolvidos após períodos de ditadura militar com a promessa de total liberdade de comércio – livre mercado – como garantia de não apenas crescimento econômico de uma nação, mas também de seu desenvolvimento social. Segundo o professor de história, escritor e político Paulo Henrique Costa Mattos (2008), em seu texto publicado no website “Socialismo.org.br”:

O “modelo” neoliberal globalizante, implementado no Brasil principalmente a partir de 1990, articulado numa ampla aliança mundial, fundada internamente nas elites urbanas, rurais e nas altas classes, que passaram por sua vez a operar importantes mudanças estruturais - de propriedade e poder - para garantir o seu funcionamento, levou o país para uma situação de total dependência externa e profunda ilusão política num suposto desenvolvimento nacional.

O fazendeiro fictício Bezerra Leitão, apesar de ter pouquíssimo estudo, tem um bom tino para negócios e, certo de estar levando o progresso para sua fazenda e região –

gerando divisas através de exportação – firma parcerias com o conglomerado americano Holy Hill, detentor de três entre os três aspectos que envolvem o agronegócio (agroindústria ou agrobusiness) termo que define o agrupamento de negócios ligados à agricultura e pecuária dentro do ponto de vista econômico: o primeiro aspecto trata do funcionamento “dentro da porteira”, ou seja, do trato com produtores e fazendeiros; o segundo se refere aos negócios "pré-porteira", representados pela indústria e comércio que promovem insumos para a produção rural, como por exemplo os fabricantes de fertilizantes, defensivos químicos e equipamentos; e o terceiro lida com os negócios "pós-porteira", já mencionados anteriormente.

Possivelmente inquieto ou, no mínimo, curioso em vista a tantas mudanças, o peão Zé Luiz trata de dar a notícia sobre a parceria à sua mãe, Dona Orquídea, também empregada da fazenda e responsável pela alimentação dos porcos, entre muitas outras obrigações: “Mãe, seu Bezerra Leitão está modernizando a fazenda. [...] Diz que quer deixar ela mais com jeito de fábrica do que de campo” (Rheda 86).

É possível observar, na obra de Rheda, alternâncias nas representações de propriedade e poder uma vez que, como mencionado acima, o romance conta com cenários, contextos e personagens bastante distintos. Dentre estas alternâncias, destacam-se o abuso de mão de obra humana versus o reconhecimento da cidadania e o respeito às classes econômicas mais baixas; a exploração e os maus-tratos aos animais versus o consenso sobre sua senciência e a promoção de seus direitos; e finalmente, o consumismo versus o “consumerismo verde”. Cada uma destas dicotomias será analisada com mais profundidade e o foco principal será dado ao último par citado: consumismo versus “eco-consumerismo”.

Os dois pólos geográficos do romance estão no estado da Flórida , Estados Unidos, e no interior do estado de São Paulo, Brasil. No país do hemisfério norte vivem Megan; seu ex-namorado, River; seu namorado atual, Diogo; sua mãe, Sybill e seu padrasto, Bob. No hemisfério sul vivem os Bezerra Leitão, o patriarca, sua esposa, Dona Marcela, os irmãos de Diogo e sua prima, Vanessa. Obviamente, lá também vivem seus inúmeros empregados, como Dona Orquídea e Zé Luiz.

Nos Estados Unidos, durante uma visita de Megan e Diogo à casa de Sybill e Bob, enquanto os casais conversam sobre tarefas domésticas, Bob menciona que Sybill não sabe cozinhar e que não quer pagar empregados. A mãe de Megan esclarece seu posicionamento dizendo: “Não quero me aproveitar de pessoas dispostas a trabalhar sem documentação e por uma pechincha. E não tenho dinheiro para pagar o que o serviço vale de verdade” (36). Tal assertiva demonstra a sua postura contra o consentimento e participação de uma parcela da classe média/média alta americana em alimentar e se aproveitar dos sub-empregos, pagando baixos salários e não assegurando aos empregados seus direitos. Nos Estados Unidos, a maioria das famílias de classe média limpa sua própria casa, ao passo que no Brasil, a maior parte deste grupo conta com a ajuda de empregadas domésticas.

Se por parte do núcleo norte-americano do romance há o respeito pela mão de obra de profissionais que se encarregam do trabalho que poucos querem desempenhar, constata-se que o mesmo não acontece na fazenda dos Bezerra Leitão. Os funcionários são explorados às últimas conseqüências, ao ponto de pagarem pelo próprio uniforme utilizado para o trabalho. Dona Marcela, a esposa de Bezerra Leitão, compra sapatilhas “chinesinhas” para suas empregadas a fim de não ter o desprazer em ver “aquelas patas

brutas [...] uma espécie de Midas ao contrário” (Rheda 166), e quando Dona Orquídea tenta argumentar contra o abuso de ter que arcar com o preço de cobrir sua “feiúra”, dizendo “Meu uniforme de butique é mais caro que o delas” (166), não obtém sucesso. O fazendeiro, ao presenciar o confronto, reflete, se defendendo, sobre a impossibilidade de assumir esses custos sozinho:

O prejuízo era tamanho, garantira o patriarca, que a maioria dos empregados tinha que ficar trabalhando o resto da vida na fazenda, sem conseguir quitar as dívidas. Mas eles estavam acostumados à servidão. Pertenciam a uma longa linhagem de vassallos. Não tinham o gene da independência nem o da dignidade. Assim como as longas linhagens de criação de gaiola, chiqueiro e curral não trazem o gene da vontade de ser livre, acreditava ele (Rheda 166).

Dona Orquídea é a funcionária aparentemente mais competente e também a mais engajada com a causa dos animais e com a luta contra o abuso de empregados. Além de se recusar a comer carne desde pequenina por ver de perto os maus tratos aos não-humanos (já que uma das suas funções era a de preparar-lhes a lavagem diária); de fazer um apelo firme à sobrinha de Bezerra Leitão para que castrasse e soltasse os porcos na floresta e de se indignar com o confinamento dos animais no novo formato de curral, a mãe de Zé Luiz passou a acompanhar o filho nas reuniões que aconteciam na venda do Norato.

Estes encontros, denominados por Zé Luiz como “assembléias” e definidos como “conversa que tem que ser conversada só lá, por enquanto [...] contra a modernização da fazenda de seu Bezerra Leitão” (Rheda 97) contavam com a participação de peões e de

Goiabeira, um ambientalista que auxiliava Pé-de-anjo, o diretor do sindicato, na arquitetura do plano de ação direta – movimento ativista de caráter imediatista que objetiva mudanças na ordem predominante de práticas maléficas a um grupo da sociedade. Além de pleitearem um acordo para terem melhores condições de trabalho com o fazendeiro, sabiam que a questão era bem mais profunda: “infelizmente o interesse do governo é incentivar o agronegócio imediato, [...] porque esse negócio gera divisas” (198). Muitos dos empregados sob o comando de Bezerra Leitão se encontravam sem perspectiva de melhora em sua condição social pelo fato de não terem outra alternativa de agência: a parceria firmada com o conglomerado *Holy Hill* fez com que a concorrência se tornasse ainda menos existente, o que implica abuso da mão-de-obra empregada nas atividades da fazenda. Neste aspecto, os humanos e não humanos explorados na obra se aproximam a partir da reflexão feita pela mãe de Zé Luiz quando soube das edificações de cimento que comportariam as porcas: “[n]ão é possível que as bichinhas estivessem contentes. Não era possível que quisessem ficar ali. É que não conseguiam sair” (Rheda 87). Jacques Derrida, em *O Animal que Logo Sou* (2002), elabora sobre a questão que parece mover Dona Orquídea:

E do lugar que é preciso dar à interpretação dessa compaixão, ao compartilhar do sofrimento entre os viventes, ao direito, à ética, à política que é preciso referir a essa experiência da compaixão. [...] diante da negação organizada dessa tortura, algumas vozes se levantam (minoritárias, fracas, marginais, pouco confiantes em seu discurso, em seu direito ao discurso e na efetivação de seu discurso em um direito, dentro de uma declaração de direitos) para protestar, para apelar [...] ao que se

apresenta de maneira tão problemática ainda como os *direitos do animal*, para nos acordar para nossas responsabilidades e nossas obrigações em relação ao vivente em geral, e precisamente a essa compaixão fundamental que, se fosse tomada a sério, deveria mudar até os alicerces [...] da problemática filosófica do animal. (53)

A própria escritora do romance em análise, quando indagada sobre qual seria a relação dos direitos animais com outras lutas sociais por igualdade e justiça em entrevista concedida à Alexandra Isfahani-Hammond, professora de literatura luso-brasileira da Universidade da Califórnia-San Diego; Fabiane Niemeyer, do grupo de defesa animal Gato Negro, e Rafael Jacobsen, membro da SVB-Porto Alegre e escritor, publicada no website “Gato Negro.org” nos informa sobre sua trajetória:

Com o envolvimento na defesa animal, voltei a pensar mais seriamente nas outras lutas sociais por igualdade e justiça. Afinal, se “direitos animais” significam justiça para todos os seres sencientes, significam justiça também para os humanos, que são seres sencientes.

No romance, é evidente que a proximidade de Dona Orquídea com os porcos – dada à sua principal função na fazenda – permitiu sua identificação como classe oprimida. A velha funcionária servia aos porcos uma lavagem que aprendera a preparar com a avó antes de começar a falar e se indignava com a imundície que envolvia o preparo da sopa azeda feita com as sobras dos alimentos dos humanos misturadas à água suja em que se lavava a louça (Rheda 84-85). A situação mudou em quase nada quando se tornou uma mulher e aprendeu a falar – a mudez era outra, explicitada pelo narrador em terceira pessoa:

Quem era Dona Orquídea para distinguir o certo do errado? Não sabia escrever. Não tinha nada de seu. Não mandava na casa, no chiqueiro, em si mesma. Só aceitava e obedecia. [...] Que sabia Dona Orquídea? Não sabia coisa nenhuma. (Rheda 84)

A mãe de Zé Luiz era muito diferente de alguns personagens secundários que aparecem na obra, como a família de River, descrita como uma

[...] família progressista. Sua mãe era uma advogada a serviço da Anistia Internacional. Seu pai fazia lobby no governo para uma organização ambientalista. A avó, editora da revista de esquerda *The Nation*, era casada com um professor de ecologia. Um irmão adotivo afro-asiático-americano e transexual deixara seu consultório em São Francisco a cargo de uma sócia idosa, anã, paraplégica e muçulmana para trabalhar como voluntário do Médicos sem Fronteiras, no Congo. (Rheda 268)

Em contraste, Dona Orquídea era vegana sem saber do termo ou das implicações e ideologias que ele trazia no contexto global, “[n]asci torta, Deus me perdoe”, às vezes pensava (91). Quando recebeu a notícia de que trabalharia na sede da fazenda por uma semana cozinhando comida vegana para a visita internacional e que, por isso, receberia uma quantia a mais, “ficou feliz com a obrigação. Ser paga para morar uma semana em casa de rico. Ser paga para ficar uma semana sem pegar em bicho morto”, se alegrou (91). No instante seguinte, deixou esmorecer a alegria inicial quando imaginou que, por não poder cozinhar para o filho durante aquele período, ele gastaria todo o dinheiro extra comendo na cidade:

Zé Luiz comeria no McDonald's. Frequentaria os três: o da avenida principal, o que ficava perto da escola e o outro, dentro do hospital.

Tomaria café na Casa do Pão de Queijo da praça da matriz, na que ficava perto do cartório e na outra, atrás do banco. (Rheda 93)

O trecho ilustra que o peão dá importância aos tipos e nomes dos estabelecimentos em que vai comer um sanduíche e tomar um café – respectivamente um dos maiores ícones do capitalismo e da globalização de todos os tempos e uma cadeia brasileira parecida com a rede de cafeterias Starbucks, guardadas as devidas proporções, onde não se toma o mesmo café servido na venda do Norato, por exemplo.

Além disso, a passagem indica que ele irá a esses estabelecimentos não somente uma, mas três vezes, evidenciando, portanto, uma urgência em fazer valer a sua cidadania – por muitas vezes e, de tantas maneiras, negada – como consumidor. Zygmunt Bauman, no texto *Collateral Casualties of Consumerism*, teoriza sobre o poder de consumo como meio de performance da cidadania:

First and foremost, the poor of today (that is, people who are 'problems' for the rest) are 'non-consumers', not 'unemployed'. They are defined in the first place through being flawed consumers, since the most crucial of the social duties which they do not fulfill is that of being active and effective buyers of the goods and services the market offers. (126)

Em seu texto, Bauman aponta que a “underclass” é definida por critérios que excluem e abnegam ao máximo grau, se tornando assim uma erosão da ordem em que se constitui uma sociedade. Esta “erosão” é vista sob as máximas da inutilidade e do perigo, já que para se encaixar nos padrões de “regularidade”, para ser considerado membro

pleno de uma sociedade, o indivíduo precisa ser antes de mais nada um consumidor para então ser um cidadão. Portanto, quem representa um problema para a sociedade de hoje, muito mais do que os desempregados, são os “não-consumidores”, uma vez que um dos maiores “deveres” que não exercem é o de serem consumidores ativos de bens e serviços.

Há outra questão a ser analisada sob o foco da globalização e conseqüente imposição do consumo: o fato de que há três pontos diferentes de um mesmo estabelecimento de *fast food* norte americano numa cidade de interior no Brasil também deve chamar a atenção do leitor. O aspecto invasivo da globalização é evidenciado no trecho citado acima.

É também importante perceber a diferença dos símbolos de status em relação às classes sociais. No Brasil, fazer um lanche no McDonald's é considerado por uma enorme fatia da população um programa sofisticado. Pais levam seus filhos à lanchonete nos finais de semana e nas férias escolares como uma atividade de lazer. A seguinte passagem, por sua vez, expressa a posição vegana a respeito desta categoria de restaurantes, quando Diogo Bezerra Leitão ainda está nos Estados Unidos e procura por comida, ainda confuso no processo de conversão ao veganismo:

Na parede do restaurante, um relógio gordo e suado cochilava cinco horas. O estabelecimento estava cheio de estudantes e daqueles outros fregueses que, pelos mais variados motivos, dispõem-se a trocar a boa saúde por um serviço rápido, barato e rudimentar. (Rheda 28)

Nota-se, através dos excertos, que algo considerado símbolo de luxo para um peão explorado no interior do Brasil é visto como – fazendo uso das exatas palavras do texto –

algo barato e rudimentar, o que nos traz à idéia proposta por García Canclini (2005) referente às diferentes simbologias de status entre as classes econômicas, etnias e nações. De acordo com a pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e coordenadora do Laboratório de Estudos Agrários da Universidade Estadual do Ceará (UECe), Denise Elias, no livro *Globalização e Agricultura*, “[o] período posterior à Segunda Guerra Mundial, sob a égide da revolução científico-técnica, marca também a inserção do Brasil na lógica da globalização da energia e do consumo” (43). Ela acrescenta que:

Muito embora desde o início do comércio em grande escala, no século XVI, a atividade agrícola brasileira apresente crescente processo de internacionalização, somente em meados do século XX conhece uma ação contínua de reestruturação e globalização [que] se baseia na incorporação da ciência, da tecnologia e da informação para aumentar a produção e a produtividade agropecuária, culminando com memoráveis transformações econômicas e, conseqüentemente, socioespaciais. (59)

As relações de consumo na obra representam um grande paradoxo na temática proposta em *Humana Festa*. A dicotomia entre consumismo e “consumerismo verde” se mostra a mais problemática questão no enredo. É necessário conhecer a definição destes termos para então passarmos à análise a obra.

Michael Solomon, professor de marketing e autor do livro *O Comportamento do Consumidor: Comprando, Possuindo e Sendo* (2001) afirma que o consumismo é uma prática desprovida de ética, por fazer as pessoas consumirem de maneira não consciente, adquirindo, assim, coisas que não precisam ou em quantidade muito maior do que

necessitam. De acordo com ele, os consumidores estão envolvidos numa trama bem amarrada por engenhosos artifícios de propaganda, que se valem de estratégias fabulosas que os induzem a querer sempre o mais novo modelo, o melhor, o mais belo, o mais completo, buscando eternamente um diferencial.

No nível ambiental, o consumismo vinculado à globalização econômica, cultural e social e atrelado à necessidade de energia e recursos naturais geram impactos gravíssimos. O guru dos negócios Philip Kotler, em *Marketing* (1980), define consumerismo como “um movimento organizado de cidadãos e governos interessados no fortalecimento dos direitos e do poder dos compradores em relação aos vendedores”. Ainda de acordo com o renomadíssimo marketólogo, ecologismo seria “um movimento organizado de cidadãos e governos preocupados em proteger e intensificar o meio ambiente de vida do homem contra aqueles que o destroem” (559).

O “consumerismo verde” seria, portanto, uma combinação dos dois conceitos acima mencionados, ou seja, uma organização entre cidadãos e governos interessados em seus direitos e poder de compra de produtos que preservem a ecologia, a vida animal e os recursos naturais. O veganismo e cidadania verde em geral se apresentariam como a cura para estes males da globalização.

A problemática do suposto “consumerismo verde” quando o narrador se refere às preferências de consumo da personagem Sybill é retratada quando ele explicita suas escolhas a respeito do seu desempenho como consumidora de objetos e vestimenta:

[...] tinha apenas móveis velhos, herdados da família ou adquiridos em feiras de antiguidades. Só comprava roupas de segunda mão, e em caso de extrema necessidade. [...] gostava de viver com o mínimo necessário [...]

sem desperdiçar recursos naturais nem aumentar a poluição do planeta.

[...] Não comportava objetos de fora [...]. (Rheda 34)

Estes argumentos que fundamentariam um suposto movimento antiglobalização não são criticados, no entanto, quando se pensa em consumo de alimentos “verdes” e/ou veganos em *Humana Festa*:

Silvanira foi encarregada das compras. Diogo orientou-a a distinguir os alimentos pertinentes, escolher de tudo um pouco e *não economizar dinheiro*. [...] Vanessa não ficou satisfeita. Abalou-se com a moça durante uma madrugada até um supermercado dos Jardins, na capital [...] e retornou com o carro repleto de extravagâncias. [...] emergiram, pela primeira vez na cozinha da sede, berinjelas brancas e minilaranjas *kinkan*, cogumelos *japoneses* e pepinos *européus*, arroz integral cateto e cevadinha germinada, cupuaçus e serigüelas, uma *grapefruit*, [...] e um melão *cantapulo* (ênfases minhas). (Rheda 303)

Quando se consome produtos deste tipo, se promove a globalização e se contribui para a poluição do planeta, uma vez considerado o transporte para que estes alimentos japoneses e europeus cheguem ao Brasil, à São Paulo e, finalmente, à fazenda Mato Grosso, para mencionar os locais retratados pelo romance. Diogo, defensor e difusor do veganismo e da agricultura verde no ambiente brasileiro parece não se preocupar em favorecer o comércio local, prática pregada pelos preceitos da cidadania verde.

Embora exista o fato de a fazenda estar localizada numa zona rural, os personagens preferem se deslocar à cidade grande para consumirem produtos vegetarianos/veganos, o que carrega em si uma considerável dose de ironia.

Teoricamente, num espaço onde a fazenda está inserida, seria bastante provável que houvesse inúmeros produtores independentes que não fizessem uso de agrotóxicos – ou “defensivos agrícolas” como empresas como a *Holy Hill* preferem nomear – pesticidas, herbicidas, rações de engorda e hormônios para os animais. No entanto, a máquina que trouxe o “progresso e modernização” à região dificulta os negócios geridos pelos pequenos produtores devido ao custo final de seus produtos, bastante menor do que os produzidos através de recursos artificiais. Muitos desses produtores têm suas atividades interrompidas por conta da concorrência desleal. E assim, ironicamente, o produto verde/orgânico/vegano é comprado em grandes supermercados em cidades desenvolvidas por um preço bem alto.

No texto *Food, Social Policy and the Environment: Towards a New Model*⁷ (2001), esta questão é abordada:

We argue, too, that governments should promote a view that what matters is not just *what* people eat but also *how* food is produced and how equitably it is distributed and consumed. This requires the exploration of new configurations. If, for instance, consumers are to increase their fruit and vegetable consumption to reduce cardiovascular disease, it surely matters if that fruit generates more long-distance food distribution rather than encouraging more local production. Similarly, the goal of improving and protecting biodiversity should mean biodiversity not just on supermarket shelves but also back in the fields whence the produce came.

⁷ Texto de autoria de Tim Lang, David Barling e Martin Caraher.

Os fatos de os movimentos ecológicos serem um produto da globalização, de lutarem contra ela e através dela constituem um paradoxo, no mínimo, muito interessante. Embora eles veiculem campanhas ambientalistas, o que prepondera nesses meios é o apelo ao consumismo de produtos que tenham o selo “verde” como diferencial. Estes “valores” são igualmente importados por países em desenvolvimento por meio da globalização.

O sociólogo, filósofo e teórico crítico esloveno Slavoj Žižek, em uma palestra para a RSA (the Royal Society for the encouragement of Arts, Manufactures and Commerce) sobre caridade e consumo⁸, aponta:

In today's capitalism more and more the tendency is to bring [making money and charity] together in one and the same cluster, so that when you buy something, your anti-consumerist duty to do something for others, for the environment and so on, is already included into it.

Esta assertiva também é possível quando se pensa em “consumerismo ambiental”.

Quando se consome um produto de uma companhia que esteja engajada nas questões ecológicas, compra-se também a redenção por estar inserido na bolha do consumismo. Žižek examina a hipocrisia contida nesta ação e exemplifica esta prática através do consumo do café da maior rede de cafeterias da América do Norte:

If you think I'm exaggerating, you have them around the corner. Walk into any Starbucks Coffee, and you will see how they explicitly tell you -- I quote their campaign: ‘It's not just what you are buying, it's what you are buying into.’ And then they describe it to you. Listen: ‘When you buy Starbucks, whether you realize it or not you are buying into something

⁸ <http://www.thersa.org/events/video/archive/slavoj-zizek-first-as-tragedy,-then-as-farce>

bigger than a cup of coffee. You are buying into a coffee ethics. Through our Starbucks 'Shared Planet' program, we purchase more fair-trade coffee than any company in the world, ensuring that the farmers who grow the beans receive a fair price for their hard work. And we invest in and improve coffee growing practices and communities around the globe. It's a good coffee karma.' And a little bit of the price of a cup of Starbucks coffee helps furnish the place with comfortable chairs, and so on.

Surge, assim, uma piedade por parte dos consumidores, levados a acreditar que comprando produtos que agridam um pouco menos nocivo ao meio ambiente, estão “salvando o planeta”, bem como alguns dos personagens de Humana Festa preferem acreditar.

O físico austríaco Fritjof Capra, em *As Conexões Ocultas* (2001), elabora sobre o processo pelo qual percorreu o capitalismo para explicitar como se dá nos dias atuais o fenômeno da globalização, apoiado em redes eletrônicas e manejos financeiros e de acesso à informação cujo propósito primordial é o “de elevar ao máximo a riqueza e poder de suas elites” (267). Capra vai além e afirma que neste século duas correntes que tem em comum “[...] uma rede complexa e uma tecnologia avançada e especial” (268) como pilares se enfrentarão: o capitalismo global e sua contraposição, as comunidades sustentáveis.

Sabe-se bem que na procura desenfreada por símbolos que perpetuem o vício do consumo, o capitalismo global agora faz uso de apelos ecologistas para cumprir sua missão, agregando o discurso ecológico a empresas, produtos, idéias e estilos de vida, além de agregar, obviamente, valor. São inúmeros os exemplos de produtos que se

definem como ‘amigos da natureza’, o que conseqüentemente eleva em muito os seus custos. O discurso verde é inquestionável, imbatível e já se tornou uma megatendência no universo business.

Impossível é desvencilhar, desta maneira, a “vida verde” do status sócio-econômico. Impossível também é deixar de atribuir o caráter capitalista a um movimento anticapitalista. Como conclusão, pode-se constatar que a cidadania verde, apoiada no veganismo e/ou eco-consumerismo, é algo para poucos. As camadas sociais mais privilegiadas são as únicas que podem se converter às práticas, ainda que com ressalvas. Os produtos ecológicos são frequentemente comercializados a preços proibitivos para a maioria da população, o que leva à máxima da disjunção entre cidadania no âmbito teórico e prático. James Holston (2006) salienta a deterioração da cidadania em países que passaram pelo processo de democratização após regimes ditatoriais e que, por terem contextos únicos e não seguirem o modelo do Atlântico Norte, neste momento de transição, apresentam uma atmosfera tempestuosa, coerciva, brutal e parcial. O direito de consumo é garantido pela constituição brasileira; no entanto, não há condições plenas para que todos os cidadãos o exerçam. Todos têm o direito de serem veganos, mas o que falta – além de instrução sobre os aspectos positivos e negativos em sê-lo – é uma possibilidade de cidadania inclusiva e participatória. Sob o espectro dos que atribuem ao consumo o sinônimo de cidadania, é evidente a percepção da negação da mesma. Ademais, como mencionado anteriormente, a obra revela uma “fenda” no discurso sustentável, à medida em que os personagens moradores da zona rural destroem o comércio local e ainda por cima buscam por produtos importados para sustentarem o veganismo. Finalmente, o pilar social que compõe o alicerce da “sustentabilidade”

também é negligenciado no romance, uma vez que Dona Orquídea, apesar de partilhar da mesma ideologia vegana, é privada de se juntar aos demais membros do grupo por pertencer a uma classe social inferior.

No próximo capítulo, tratarei da questão da comodificação do meio ambiente por parte de uma determinada camada social – a classe média alta – e de como a mesma escapa, como pode, dos efeitos desta apropriação desequilibrada por possuírem os meios econômicos necessários para tal, abandonando a noção de cidadania como um conjunto de deveres para com a sociedade.

**CAPÍTULO II: A(M)PARADOS: DILÚVIO, AGONIA E SALVAÇÃO ATRAVÉS
DO CONSUMO
EM OS APARADOS, DE LETÍCIA WIERZCHOWSKI**

Na Serra dos Aparados, ouve-se a profecia: “Deus salvou o homem uma vez, mas a descendência de Noé não fez valer tal honra. Agora Deus perdeu a paciência” (Wierzchowski 138). A natureza – primeiramente tida como indomável, indecifrável, e num segundo momento já catalogada, controlada, quantificada e planejada – agora mostra, impiedosa, os efeitos colaterais do projeto neoliberal que delineou o capitalismo tardio. Este “processo onde as distâncias geográficas são cada vez menos importantes para o estabelecimento ou a manutenção de relações econômicas, políticas, e sócio-culturais trans-fronteiras” (Koorevaar & Lubers, 1998)⁹ pode paradoxalmente destruir e salvar.

Em *Os Aparados* (2009), romance da escritora brasileira Leticia Wierzchowski, Marcus, 63 anos, e Débora, 17 – avô e neta – se refugiam na serra gaúcha, numa espécie de mundo particular, não somente na tentativa de restabelecer um desgastado relacionamento familiar, mas também na fuga de uma Porto Alegre caótica devido às conseqüências de uma tempestade infundável. Entretanto, apesar de carros híbridos e acesso à Internet num local relativamente remoto, não conseguem escapar por completo da violência instaurada nas pessoas que vivem o desespero de um mundo que parece agonizar perante às severas manifestações da natureza resultantes de sua má “administração” pelo ser humano.

⁹ Extraído de <http://koorevaa.home.xs4all.nl/html/dynamic.html>

Este capítulo pretende investigar, à luz da teoria eco-crítica de Timothy Clark (2011), o paradoxo da comodificação do meio ambiente – tanto servindo como geradora do caos noelístico descrito em *Os Aparados* quanto funcionando como símbolo de segurança e proteção do espaço privado no romance – e de sua indissociabilidade da questão social. A luta pela sobrevivência física em meio à turbulência provocada pelas tempestades, enchentes e ondas de violência se alia à sobrevivência material viabilizada por recursos financeiros de uma pequena parte da sociedade. Este grupo se desvencilha da noção de sociabilidade e cidadania para com sua comunidade, se protegendo em suas propriedades e negando a participação na esfera pública.

Marcus Reismann, professor aposentado de engenharia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, viúvo, vive em Porto Alegre, região Sul do Brasil. No romance, a cidade sofre as conseqüências do aquecimento global com “o planeta vomitando as próprias entranhas” (Wierzchowski 14). Por causa das grandes enchentes provocadas pela interminável chuva, a situação da cidade é calamitosa:

As escolas estão fechadas, a universidade também, bares, restaurantes e hotéis funcionam a portas fechadas, com medo de saques. [...] dois meninos correm pela rua com pacotes nas mãos, com sacos de comida roubada – dois ratos encapuzados fugindo de uma vassoura gigantesca. Um homem passa chamando por uma mulher. Rosa, Rosa, sua voz se perde, angustiosamente abafada pela chuva [...]. (25)

Neste contexto, o espaço público e as instituições públicas que também asseguram o funcionamento do contrato social (escolas, universidades, hospitais, repartições públicas) encontram-se em crise e se configura como uma ameaça de toda ordem: cidadãos brigam

por água, comida, gasolina e, obviamente, dinheiro. Também em Porto Alegre, o médico Arthur Mandelli enfrenta, de forma hercúlea, batalhas diárias na tentativa de salvar pessoas acometidas por inúmeros males:

Tem visto coisas piores todos os dias no hospital da faculdade. Filas de dezenas de pessoas, o choro das crianças. Vômito pelos corredores.

Ferimentos com arma de fogo. Estupros, assaltos. A supressão das normas sociais transformando as pessoas em bichos. Em bichos não, em coisa pior (24-25).

Percebe-se o uso da palavra “animal” para descrever seres humanos abjetos e degradados que vivem sob o “estado de natureza”, termo criado pelo filósofo inglês Thomas Hobbes (1651), onde cada indivíduo defende de toda e qualquer maneira seus próprios interesses, abandonando a idéia do bem comum. O Contrato Social, outro conceito formulado por Hobbes, supostamente firmado para a segurança e bem-estar da coletividade, é quebrado. O Estado se mostra remisso para a fatia menos privilegiada da população na trama do romance. Nos hospitais, não há leitos suficientes para acomodarem os feridos e doentes. A água carrega consigo toda a imundície e doença possíveis. Crimes tornam-se fato corriqueiro.

Em casa, Arthur também lida com os efeitos das intempéries. Seu apartamento depende da manutenção de uma ajudante, para limpar e cozinhar; seu prédio precisa da administração de um zelador; o sistema de encanamento encontra problemas:

O que ele queria mesmo é que a faxineira voltasse ao trabalho. [...] [Há] algum problema hidráulico, mas pelo visto os encanadores também têm faltado ao trabalho. Ou morreram, vá saber. Ou perderam um filho na

enchente, um pai, o cachorro de estimação. Ou estão trancados num elevador sem energia. Ou foram soterrados por um deslizamento. Ou morreram de leptospirose. Ou perderam a razão. (25)

Interessante é perceber, no entanto, que Arthur, mesmo frente ao tumulto e à desordem estabelecidos em sua realidade, parece ser o último vestígio da esfera pública e do senso de comunidade. Além de contribuir como médico para a amenização dos problemas trazidos pelas inundações, ele também exerce seu dever de cidadão através de uma espécie de blog chamado “Achados e Perdidos”, onde se trocam informações sobre pessoas e animais de estimação desaparecidos e encontrados. Arthur também recebe uma chuva de e-mails (28) através do qual, além de auxiliar no intercâmbio de informações citado anteriormente, procura também confortar pessoas que perdem parentes, amigos ou cônjuges e até mesmo prevenir suicídios ou outros atos de desespero motivados pela catástrofe. Obviamente, o médico faz uso de ferramentas tecnológicas em ambientes virtuais – uma variação da esfera pública – para procurar por Odete, sua secretária do lar, ao constatar que seu “banquete” se resumiria a pão e leite e sentir falta das refeições preparadas pela auxiliar. Porém, logo após enviar a mensagem eletrônica, se lembra de que Odete não sabe ler e provavelmente sequer havia navegado na Internet na vida. Teria que fritar um ovo ele mesmo, se quisesse. Desta forma, vê-se que fúria da natureza, ferida, faz com que várias necessidades criadas pelos homens sejam repensadas ou abandonadas.

No pandemônio retratado em *Os Aparados*, a apropriação cooperativa do meio ambiente apresenta ao homem seu saldo devedor. Em *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*, Timothy Clark nos informa sobre como a questão ambiental é abordada pelo ser humano: “[i]t holds to the mainstream assumption that the

natural world would be seen primarily as a resource for human beings, whether economically or culturally, but it strives to defend and conserve it against over-exploitation” (2). Sendo assim, o meio ambiente somente é observado sob o prisma de interesses lucrativos. Houve uma ruptura entre o ser humano e o meio em que habita, como se não se integrassem, o que leva a uma interação desequilibrada. De acordo com Clark, o problema central deste fato se encontra, na visão dos ecologistas mais radicais, no antropocentrismo:

Anthropocentrism names any stance, perception or conception that takes the human as centre or norm. An “anthropocentric view” of the natural world thus sees it entirely in relation to the human, for instance as a resource for economic use, or as the expression of certain social or cultural values – so even an aesthetics of landscape appreciation can be anthropocentric. Anthropocentrism is often contrasted with a possible *biocentric* stance, one attempting to identify with all life or a whole ecosystem, without giving privilege to just one species. (3)

Ainda na visão dos que tratam da natureza em relação ao antropocentrismo, a origem deste paradigma tem como pivô algumas das afirmações bíblicas. A mais conhecida delas está no Gênesis, primeiro capítulo, que narra como se deu a Criação e como foi dado ao animal humano o poder sobre outros seres vivos e sobre seu meio. Disse Deus ao homem: “[d]omine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda terra e sobre os pequenos animais que se movem rente ao chão” (Gênesis 1.26). Também o ato de nomear aos outros seres confere ao nomeado uma posição de subordinação: “[a]ssim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do

céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que lhe auxiliasse e lhe correspondesse” (Gênesis 2.20). Apesar de haver passagens da Bíblia que façam referência ao equilíbrio e compaixão entre as espécies, a espécie humana insiste no pressuposto de que é apenas em relação aos seres humanos que algo possui valor (Clark 2).

No caso específico de *Os Aparados*, tornam-se também imprescindíveis outras leituras bíblicas. Na “Corrupção da Humanidade” (Gênesis 6) Deus, ao perceber como o homem havia se tornado perverso, proclamou: “[f]arei desaparecer da face da terra o homem que criei, os homens e também os grandes animais e os pequenos e as aves do céu. Arrependo-me de havê-los feito” (Gênesis 6.7). O personagem Marcus Reismann, em meio à tormenta, reflete sobre o produto final da dissociação e prevalência do ser humano sobre o resto do que compõe o ecossistema: “Somos uns bichos. Uns bichos destruidores e totalmente ambiciosos, mas ainda assim bichos” (14). Obviamente, o grande “Dilúvio” acompanha toda a obra. Tanto na Bíblia como em *Os Aparados*, o fenômeno vem como um castigo para a ambição humana e pela falta de sentimento de integração e pertencimento ao todo.

O filósofo britânico David Pearce, numa entrevista publicada no site do Instituto Humanistas Unisinos¹⁰, faz elaborações sobre o domínio do animal humano sobre os outros animais: “[u]ma eterna Treblinka¹¹. Assim é a vida dos animais criados para alimentar as pessoas”, fazendo menção ao Holocausto, também abordado em *Os Aparados*:

¹⁰ Extraído de: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3811&secao=359

¹¹ Quarto campo de extermínio onde os judeus foram exterminados em câmaras de gás alimentadas por motores à explosão, localizado nos arredores da cidade de Treblinka, na Polônia.

O homem encurralou-se a si próprio, e em algum lugar do universo, em meio à poeira das estrelas, a própria essência do que foi Hitler deve estar se rindo da situação. Vão todos morrer sufocados, arianos, judeus e muçulmanos, porque o planeta inteiro foi transformado numa imensa câmara de dióxido de carbono. (Wierzchowski 52)

Há diferenças, porém, a respeito de um aspecto de grande relevância entre a Bíblia e o romance. No livro sagrado, “[a]s águas subiram até quase sete metros acima das montanhas” (Gênesis 7.20), ao passo em que, no romance, quem tinha a possibilidade de subir a serra estava a salvo:

Agora aquele pico é seu paraíso e sua salvação. [...] E em quinze anos talvez o planeta não esteja completamente afogado pelos mares enquanto as pessoas se desesperam de sede. Talvez o processo de dessalinização da água já seja uma coisa corrente, e o chuveiro ainda exista de modo que a civilização humana possa usufruir desse mítico conforto. Mas nunca se sabe. Pequenas ilhas já desapareceram do mapa. [...] O uso da gasolina tornou-se financeiramente impraticável, e mais da metade da população economicamente ativa do país não tem dinheiro para comprar um híbrido: existem centenas de ferros-velhos a céu aberto. (Wierzchowski 55)

Percebe-se, assim, que no grande livro, Deus puniu os homens de maneira indiscriminada, independentemente de sua raça ou status sócio-econômico. Já em *Os Aparados*, o que se vê é que aqueles que possuem condições de escapar do caos do espaço público que se vive na cidade têm abrigo em suas casas construídas nos topos das montanhas às quais

chegam em seus veículos híbridos. A casa na serra é, assim, a Arca de Noé de Marcus Reismann e sua neta Débora.

A natureza transformada em bens de salvação também funciona como refúgio do caos que permeia o espaço urbano. O avô decide abandonar Porto Alegre e seguir com sua neta, grávida de sete meses, em direção a uma casa que construíra na serra gaúcha. No caminho de Porto Alegre para lá, Marcus fala com Débora sobre o imóvel, adquirido há um certo tempo antes das tragédias:

[C]omprei a casinha, e tem uma nascente no terreno. Depois começaram as chuvas, as secas [...]. Então eu fui preparando a casa pra que ela ficasse autossuficiente. Energia solar, por exemplo. A casinha gera sua própria energia. (15)

Trata-se de um local onde não se necessita do sistema de abastecimento público estadual nem para água, nem para energia elétrica: os serviços públicos básicos foram completamente privatizados. Casas preparadas desta forma têm seus custos bastante mais elevados do que casas construídas normalmente. Para construir seu reduto, Marcus evitou a solidão da viuvez subindo a serra inúmeros os finais de semana e contou com Waldomiro Stobel – velho colega da universidade e pesquisador de energias alternativas – que preparou as placas de aquecimento solar para a casa (22). Waldomiro é um amigo em comum de Marcus e Arthur Mandelli. Na casa da serra, vivem os empregados Juvenal e Eulália. O narrador nos fornece mais detalhes do oásis de Reismann:

Tem piso e paredes de madeira reflorestada, um grande sofá com pelego no chão, livros numa estante que cobre uma das paredes. Tem um computador sobre uma mesa de trabalho, perto da janela de cortinas

fechadas. Atrás das paredes de madeira, um cuidadoso sistema de aquecimento corre de um lado para outro, interligado entre si e sincronizado, como uma orquestra, pela grande placa de energia solar. [...] A pequena cozinha é perfeita: um fogão à lenha, uma chapa que funciona com energia solar, geladeira, micro-ondas, os armários cheios de louça e alimentos não-perecíveis, as compotas da mulher do Juvenal. (36)

Marcus também preparou a casa para bem acolher à sua neta e fazê-la desistir de ir de volta à Porto Alegre para encontrar o pai do seu filho. No quarto preparado para Débora, havia “prateleiras largas, roupa de cama passada e dobrada, um nicho com cabides. [...] [L]ivros, revistas que ele trouxe, uma caixa de bombons” (38-39). De acordo com o pensamento de Reismann, a capital estava impossível, ainda mais para a neta, grávida de “seu bisneto” – que ele prefere imaginar que seja homem, para dar continuidade a seu sobrenome, provavelmente. Ao preparar o berço para o bebê, Marcus “fica um pouco emocionado com as palavras que lhe vêm à mente. “*Acolhido. Refúgio*” (43) pensando no herdeiro. O futuro bisavô se preocupa com o mundo que acolheria seu bisneto depois que saísse da proteção do ventre de Débora:

Este não é um bom mundo para se nascer: as guerras, os gelos na Groelândia descendo para o oceano e elevando as águas, os milhares de refugiados, furacões e enchentes, e toda essa violência que sempre existiu no país, agora agravada. Queria deixar para esse bebê um pedaço de terra [...]. Bem, esse sítio é a sua herança, mas é como deixar um barco numa garrafa. Um barco de brincadeira que nunca vai tocar o azul do mar. Se ele

descer por esse rio, se seguir encosta abaixo, vai encontrar somente
tristeza. (43)

De acordo com a passagem acima, no que dependesse do avô, neta e futuro bisneto ficariam ali para sempre, plantando, colhendo os frutos das inúmeras árvores frutíferas que possui, cuidando da horta e do viveiro, protegidos da selvageria instalada onde a maioria esmagadora da população não pode arcar com os custos de uma fortaleza como a sua. “Ao longe, seus olhos vêem uma araucária que levanta seus ramos para o céu, como se estivesse pedindo ajuda” (46), mas, ainda assim, Marcus se recusa a participar da coletividade e procura evitar ou impedir que seus descendentes façam o mesmo. De onde está, mais longe ainda estão os seus olhos daqueles que agonizam nas áreas menos privilegiadas do que o seu universo particular. Conversando com a neta, faz referência ao fim dos tempos: “[o] fim do mundo vai ser uma interminável praia de água salgada, areia e um sol de rachar” (35). Débora diz, em tom de ironia: “[s]ó vai sobrar isso aqui em cima...” (35) e Reismann confirma, orgulhoso: “[p]elo menos por enquanto. Esse lugar foi feito pra resistir alguns anos” (35). Marcus ignora o fato de que uma grande catástrofe engoliria a todos, inclusive à sua neta e ao bebê. Por vezes, é pego em pensamentos mais realistas: “[e]u sou parte disto aqui. Estou girando junto, ardendo junto” (56), mas em sua maioria, participa da tragédia de maneira confortável e distante, através da televisão e da Internet – trata-se da globalização promovendo a compressão espaço-temporal. Reismann, mesmo deixando o seu apartamento em Porto Alegre para tentar viver nas montanhas com sua neta, deixou paga “a retransmissora do sinal de cabo: se tiver que voltar pra casa, não quer perder nada do espetáculo. Numa tela plana, em cores perfeitas e com transmissão via satélite, ele vai acompanhar o fim do mundo”. “Voyeuristicamente”,

Marcus consumirá a tragédia e verá tudo ruir do conforto de seu lar. Ambas natureza e sociedade clamam pelo senso de pertencimento do humano em seu meio ambiente na obra, mas a única sociabilidade que Reismann possui é para com sua neta e bisneto. Da casa de campo, Marcus tem atualizações do caos através de seu amigo:

Waldomiro Stobel escreveu contando que evacuaram cinco vilas na beira do Guaíba¹² por causa das águas que subiram. Waldomiro é um homem cínico, escreve com poucas palavras, não sente pena. Ele imagina as centenas de famílias miseráveis, as calçadas onde as crianças dormem sob a chuva, e pensa que tudo vai ficar ainda pior. E cada vez mais as coisas vão piorar, até o ponto em que, quando uma dona de casa sair para comprar o pão pela manhã, vai encontrar o cadáver de uma criança [...] no meio da rua e, em vez de pena, sentirá alívio. Porque não foi ela nem foram os filhos dela. Só isso: não foi conosco, *desta vez* (52).

Curioso perceber que, ao passo em que Waldomiro relata a Marcus os fatos que se passam na tumultuada Porto Alegre – de acordo com o narrador – “sem sentir pena”, Reismann “sente pena” dos outros, mas à distância, resguardado. Débora também acompanha o noticiário pelo computador:

Na tela de cristal líquido, um jornalista fala da guerra na Arábia Saudita.

[...] Volta o rosto do âncora do jornal, e agora as tragédias regionais:

Tragédias regionais: a Ilha dos Marinheiros, na Lagoa dos Patos, entra no

¹² Grande lago - 496 km² - ao qual Porto Alegre está histórica e culturalmente ligada, desde a chegada dos primeiros casais açorianos até o atual desenvolvimento econômico da região. O Guaíba é um ecossistema que sustenta uma rica biodiversidade, onde interagem diversas espécies vegetais e animais, que dependem de sua boa qualidade e preservação. Sua bacia hidrográfica abrange uma área de 85.950 km², equivalente a 30% do território gaúcho. Nela, estão situados os núcleos industriais mais importantes do Estado, concentrando 2/3 da produção industrial do Rio Grande do Sul e os centros urbanos mais populosos, onde vivem 70% da população.

seu terceiro dia de evacuação. A água, que já subiu um metro e meio, obriga a população a abandonar suas casas. Gente pobre levando trouxas, caixas, pertences desmembrados, desbotados e sujos. (65)

Mesmo sabendo do que está se passando em Porto Alegre, Débora foge de casa em busca do pai do seu filho. O avô e Juvenal, o caseiro, saem em busca da menina grávida.

Marcus “digita a senha” (113) do portão eletrônico de seu santuário e os dois partem para uma área onde, “nesses tempos, qualquer lugar é perigoso” (113). Não encontram a menina. Bem mais tarde, quando voltam para casa, encontram Eulália, eufórica, dizendo que Débora fora achada pedindo carona para a cidade grande, que estava com febre e que teve um sangramento. Desesperado, em meio ao nada, Marcus decide, mais uma vez, pedir ajuda a Stobel, que, ao atender ao telefone e identificar a voz do amigo, solta:

“[s]eu grande filho-da-puta, deve estar rindo de nós aqui embaixo” (120). Marcus, então, explica a ele o que está acontecendo e lhe pede um médico. Stobel lhe responde: “[m]e dê um dia para chegar aí” (121).

Enquanto o socorro médico não chega, Eulália se responsabiliza por cuidar de Débora. Faz-lhe sopa e lê a Bíblia a uma menina cuja mãe nunca havia colocado os pés numa igreja e cujo avô era judeu. No entanto, Débora aprecia a história da criação – que termina com uma imagem semelhante a um casamento entre um homem e uma mulher – e diz ao avô: “[é] uma linda história, o Gênesis” (144). Débora deseja a versão masculina correspondente da sua espécie para permanecer ali na Arca neoliberal de seu avô. Marcus e Débora têm uma conversa sobre sua vontade de voltar à cidade grande. A neta lhe diz que quer ficar em Porto Alegre porque não sabe plantar ou colher e porque ela não se sente “em casa” ali. O sociólogo George Ritzer, em *McDonaldization: The Reader*, diz

que a população seriamente atingida pela globalização é composta por “individuals and groups throughout the world are seen as having relatively little ability to adapt, innovate, and maneuver” (398-99). Débora está “acostumada a precisar” das inúmeras e mutáveis criações capitalistas que se manifestam com mais intensidade na área urbana e não consegue ver possibilidade de ajustar-se à “simplicidade” da vida rural, por mais regalias que lhe estejam sendo oferecidas lá, como água potável e comida fresca, “artigos de luxo” no tumultuado contexto da capital do estado. Marcus, pacientemente, lhe explica mais uma vez o por quê de estarem ali: “Eu idealizei um futuro para nós. Foi um plano baseado em evidências também, com tudo o que vem acontecendo. Por isso comprei essa casa, comprei os animais, fiz a horta e o viveiro... Um pequeno mundo independente” (Wierzchowski 148). Ele parece fazer isso para ganhar tempo e acalmar a neta e o bisneto que está dentro dela, enquanto Stobel e o médico, Arthur Mandelli, – seu companheiro – estão a caminho. Apesar de manterem um relacionamento amoroso, Waldomiro e Arthur são muito diferentes. Enquanto dirigiam um carro alugado em direção à casa de Reismann, Stobel pergunta – em um tom bastante irônico – sobre o site “Achados e Perdidos”, moderado por Mandelli e Arthur lhe diz que: “[a]quele site já ajudou muita gente. Pai encontra filho, vovó encontra vovô. Não dá pra ficar esperando a Defesa Civil, você sabe” (153). Novamente, a ausência de atuação por parte do Estado e o exercício da cidadania por parte do médico se evidenciam. A viagem é longa e cheia de obstáculos: teriam que enfrentar barreiras caídas e deslizamentos de terra para chegar até Débora e seu bebê. Lá do alto, preocupado com a situação, Marcus pensa:

Vai chover outra vez. Mais terra vai cair, isolando o alto da montanha: ele e a neta ficarão separados do mundo. É engraçado, foi isso que quis, sair

do mundo. Criar um mundo novo para Débora e para a criança que vai nascer. Aquele mundo lá de baixo não serve mais, está podre, doente, exaurido. E, agora que aconteceu, sente medo. Este pequeno universo que criou é tão frágil quanto todo o resto. (159)

Através deste trecho e do que se passa a seguir, nota-se que Marcus começa a perceber o grande engano que cometeu ao imaginar que aquele seu pedaço de terra seria um paraíso terrestre oculto com sua promessa de um novo mundo possível, uma espécie de Shangri-La¹³. O interfone toca. Stobel se identifica. Instantes depois, é surpreendido por um assalto. Waldomiro, caindo ao chão por estar ferido, pede desculpas:

Chovia muito e estava tudo tão diferente... Por causa da queda de terra. Fiquei confuso com o caminho. Aí encontramos esses dois. Achei que estavam na mesma situação que nós. Eles foram simpáticos, deram a entender que subiam a serra. Seguimos juntos a tarde inteira. [...] A noite caiu, eles tinham uma lanterna e nós não. Quando estávamos aqui, o mais alto deles sacou a arma. Disse que era um assalto, que não devíamos reagir. Mas o Arthur tentou dominá-lo...”. (176)

Na porta da Arca de Marcus, o casal homossexual foi dissolvido, não diretamente pelas águas, como na Bíblia, mas sim pelas conseqüências do terror seqüencial trazido pelas chuvas: a violência, a necessidade de comida, gasolina e água. No texto sagrado, Deus, ao escolher Noé para comandar a Arca, exigiu que, além de levar sua esposa, seus filhos e as esposas de seus filhos, levasse também: “sete casais de cada espécie de animal puro, macho e fêmea, e um casal de cada espécie de animal impuro, macho e fêmea, e leve

¹³ Shangri-la é descrito como um lugar paradisíaco situado nas montanhas do Himalaia, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa entre pessoas das mais diversas procedências.

também sete casais de aves de cada espécie, macho e fêmea, a fim de preservá-las em toda a terra” (Gênesis 7.2-3). O romance narra – com detalhes importantes – a morte de Arthur, que nos servirá como argumento para outra problemática em *Os Aparados*:

Os dois policiais e o perito recolhem o cadáver do chão, levando-o com dificuldade até uma camionete. Por causa do rigor mortis, uma mão força o invólucro de plástico negro, cujo zíper está enferrujado pela umidade, e escapa para a luz do dia. Ele vê os dedos curvos, hirtos, onde o sol reluz pela ultima vez. Esses dedos seguravam um bisturi. Esses dedos salvaram a vida de outras pessoas. Mas agora são uns tristes gravetos sem cor, as unhas arroxeadas parecem minúsculos bulbos apodrecidos. (193)

A primeira observação a se fazer é que o Estado não está completamente ausente para quem pertence a uma camada social como a de Reismann, uma vez que, numa emergência, policiais compareceram à sua residência para lidarem com o crime cometido. Porém, o ponto de maior importância no trecho supracitado é o fato de a união homossexual ser vista, por algumas correntes, como um “bulbo apodrecido”, dada a incapacidade de um casal do mesmo gênero de produzir filhos. A “unidade produtiva” é, segundo esta linha de pensamento, a família advinda de uma união heterossexual frutífera. A perpetuação da família através do filho que Débora espera – obviamente fruto de uma relação heterossexual - é garantia de produção de consumidores futuros, de seres influenciados pelo mundo globalizado e de usuários da natureza tanto como matéria prima quanto como bem. Os animais machos e fêmeas, segundo a vontade de Deus e do capitalismo, se reproduziriam e gerariam descendência, de grande valor para a ideologia burguesa. No mundo capitalista, a família numerosa é certeza de consumo.

Outra confirmação da importância da manutenção do modelo “tradicional” da família acontece quando, após o pai do filho de Débora chegar à casa de campo – localizado por Stobel através do site de “Achados e Perdidos” – e de Débora dar à luz uma menina, Maria, Marcus Reismann morre. Ou seja, no momento em que percebe que sua neta estará protegida ao lado de um homem, o avô declara sua missão como cumprida. Na ocasião de sua morte, a previsão era de “neve para os próximos dias” (235). Além de ser um indício absoluto do completo descontrole nas mudanças climáticas, a neve também pode ser lida como uma referência bíblica para purificação: “Vinde então, e argüi-me, diz o SENHOR: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã” (Isaías 1.18). É como se, agora que o namorado de Débora fora localizado e assumira a neta e o bebê, toda aquela conjuntura conturbada se elevasse então a algo mais puro e legítimo – um homem, uma mulher, e um fruto de sua união sagrada. Waldomiro, inclusive, suspeitava que a fuga de Reismann com a neta para a serra tivesse sido um subterfúgio para seu machismo, ao esconder que sua neta poderia ser uma mãe solteira.

Voltando à questão da perspectiva antropocêntrica em relação à natureza, de sua aproximação utilitária, e do consumo incentivado pelo capitalismo globalizado, outro ponto delicado da antinomia do conceito de “meio ambiente” – por ser tão fortemente vinculada à questão cultural e por poder ser lida como uma construção política/cultural num mundo “sem fronteiras” – está no fato de a degradação do planeta não acontecer somente por causa grandes manobras como imensas áreas devastadas para plantação de soja ou cultivo de gado, mas também devido a “pequenas necessidades” modernas da

sociedade contemporânea e do núcleo familiar. As pessoas geralmente não imaginam que simples escolhas baseadas no meio social – consumista – possam interferir no meio ambiente, justamente pela dificuldade de se verem integradas a ele. Imagina-se que o meio ambiente são somente as grandes florestas e as calotas polares e se esquece de como o cotidiano de uma pequena família de classe média pode estar contribuindo para o fim dos recursos naturais. No romance de Wierzbowski, Débora e Marcus possuíam um computador, um laptop, e um iPod¹⁴ em seu refúgio, entre outros itens de conforto e status numa sociedade guiada pelo consumo. Existe, assim, um paradoxo, já que mesmo dentro da fantasia de uma “vida simples” que Marcus imagina levar, esses bens de consumo são considerados “necessidades básicas”.

Numa obra como *Os Aparados*, fica clara a impossibilidade de dissociação da questão ecológica e da questão social. Fritjof Capra, em *A Teia da Vida: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos* (1996), fala sobre uma “crise de percepção”, já que tanto o meio ambiente natural e o meio ambiente social são “problemas sistêmicos, o que significa que são interligados e são interdependentes” (24). Marcus Reismann, exercendo sua cidadania (verde) principalmente pelo viés do consumo, procurou evitar que os efeitos provocados por fenômenos de uma natureza ferida – e de uma sociedade idem – atingissem sua família, mas não pôde evitar o assalto à sua casa nem o assassinato de Arthur. A interminável enchente descrita na obra, num primeiro momento, também causou erosão do espaço público, à medida que bares, restaurantes, supermercados funcionavam de maneira não-convencional, com medo de saques. Hospitais superlotados

¹⁴ Produto da empresa Apple, apontada recentemente pelo Greenpeace como a empresa menos verde no setor da tecnologia e que recentemente, em julho de 2012, havia decidido abandonar o selo emitido pelo EPEAT, um sistema de referência para avaliação ambiental de aparelhos eletrônicos. Na iminência de sofrer um boicote anunciado por órgãos como a prefeitura de San Francisco, a empresa voltou atrás da decisão uma semana depois.

impediam que doentes fossem devidamente tratados. As aulas nas faculdades e escolas foram interrompidas. Num segundo momento, a esfera pública desapareceu e somente se manteve ao longo da narrativa sob a forma virtual, no blog de Mandelli.

No prólogo escrito por Josetxo Berian em *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo* (1996), de Anthony Giddens, há o alerta para o problema: “[l]os peligros ecológicos son apenas cuantificables, calculables y comparables con otros riesgos sociales, por la razón de que la naturaleza aparece como una ‘externalidad’ no atribuible como objeto de riesgo, aunque sí como objeto de dominio racional” (25). Graças à “decência de Noé”, ao ser humano foi dada uma nova chance. Novamente, o homem parece estar quebrando “o grande trato, o acordo maior” (Wierzchowski 205), iludido pela construção – por ele mesmo criada – de que não há conseqüências para suas ações deliberadas. As questões ecológicas não devem, assim, ser tratadas como algo extrínseco às atitudes dos seres humanos. É preciso, sim, que sejam tratadas corretamente - de forma integrada ao todo, porque as são – uma vez que se constata que o meio ambiente e a vida social se fundem e se reconfiguram mutuamente, não sendo assim, tratados unilaterais. “Meio ambiente” é tudo o que está à nossa volta, seja no espaço rural ou no urbano, e é preciso que se tenha uma visão holística não somente dos seres – humanos ou não – que habitam esse meio, mas também da população humana como um todo e das suas condições sociais.

Neste capítulo, percebemos a fusão entre os diversos âmbitos que o conceito de “meio ambiente” pode ter e constatamos a intensidade da integração entre natureza e sociedade. No próximo capítulo, veremos a latência de um futuro a princípio distópico,

mas não tão distante do que vivemos hoje em termos de consumo e aniquilação do que é “natural”.

**CAPÍTULO III: SUJEIÇÃO DE VIDAS AO IMPÉRIO GLOBAL EM
EL CORAZÓN DE DOLI (2010), DE GUSTAVO NIELSEN**

Num futuro não muito distante em La Magdalena, local imaginário na costa argentina, vivem Sergio e Víctor, irmãos nada convencionais. O segundo é um clone repositivo do primeiro, criado exclusivamente para lhe servir em circunstâncias adversas, como repor-lhe algum órgão caso “o original” venha a necessitar, dentre outras. A distinção no nível de status socioeconômico e no tratamento entre os dois por parte da sociedade e até de sua família é contundente. Neste romance distópico, os repositivos, enquanto não são requisitados para uma situação emergencial, funcionam como servos dos irmãos originais. Os humanos, obviamente, não são os únicos seres a sofrer manipulações genéticas: frangos sem ossos, penas, patas ou bicos são matéria-prima principal da cadeia de fast-food “Mc Pollen Fritten”, propriedade de um tio dos irmãos e local de trabalho da réplica. Prevalece, desta forma, uma sociedade em que se aceita indiscriminadamente a tirania “marquetológica”, consumindo vidas (humanas e não-humanas) e reduzindo-as à matéria biológica.

A análise da obra contará, principalmente, com o apoio teórico de George Ritzer (2010) no conceito de “McDonaldização” da sociedade, ou seja, da configuração de sociedades simplificadas e incursas em quatro equações de padronização preconizadas pelo grande símbolo capitalista: eficiência, calculabilidade, previsibilidade e controle. Este trabalho se propõe a investigar como *El corazón de Doli* (2010) critica o fracasso da adoção do modelo McDonaldizado de consumo nas relações sociais contemporâneas. O

escrito argentino Gustavo Nielsen apresenta ao leitor um cenário de embate onde se chocam as exigências do mercado globalizado e as decisões morais e joga com impressões acerca de sua (ir)realidade e com a sua verossimilhança latente e incômoda. A obra retrata a artificialidade da sociedade contemporânea – que conserva seus símbolos de consumo dominados pela cópia e pela produção em massa – com o acréscimo da existência de clones humanos e animais geneticamente modificados nessa cadeia de fabricação.

A maior parte dos personagens de *El corazón de Doli* está condensada na família dos gêmeos. O narrador do romance é o pai dos irmãos Sergio e Víctor, um médico geneticista que reproduz clones e “fabrica” filhos com características determinadas pelos clientes. A narração começa *en media res*: a partir de um momento de clímax da história, inicia-se uma série de flashbacks para nos explicar como se sucederam os fatos. Numa espécie de desabafo com o leitor, o pai indaga: “[s]er padre es como ser un narrador en primera persona que lo sabe todo. Algo absurdo, que está mal, condenado a seguir existiendo con su errata auestas como un caracol en su coraza” (15). Ao longo da obra, é claríssimo seu tom de remorso por ter sido um pai pusilânime e negligente, bem como o exercício póstumo de compreensão de como se desenrolaram os acontecimentos que culminaram na tragédia maior do enredo, a ser analisada posteriormente.

A mãe dos gêmeos, denominada “Chiqui”, é uma mulher fútil, guiada pelo que é moda não somente em termos de vestimenta, mas também de alimentação e comportamento, entre outros. Chiqui não é chamada pelo nome próprio nem pelo marido, nem pelos filhos:

A ella le decíamos Chiqui, porque era fanática de los almuerzos de Mirtha Legrand¹⁵. Hasta se había comprado *El Libro do Oro de Mirtha Legrand*, donde enseñaban a vivir con elegancia y a recibir con distinción. Lo tenía firmado y dedicado por la *Anfitriona Perfecta*: “A la otra Chiqui, con un beso merengado”. [...] El tío Patrick opinaba que tal vez fuera una dedicatoria fraguada. Aunque la firma de la actriz parecía verdadera, con la “d” final de su apellido y la “d” de merengado” dobladas por el mismo gancho. Para que creyeran, la madre de Víctor había amenazado con contratar a un perito calígrafo. (Nielsen 13)

A ausência de um nome próprio para Chiqui pode ser interpretada como ausência de subjetividade, já que ela se comporta como um manequim de vitrine, exibindo uma imagem para consumo, sem vestígios de genuinidade. Este trecho também ilustra a necessidade de se comprovar a autenticidade das coisas, neste caso, de um autógrafo. O nível de desconfiança nessa sociedade pseudo-futurística é enorme porque todos sabem que estão soterrados por uma avalanche de imagens, de fachadas, de cópias.

Tio Patrick, que “[h]asta el día en que recibió el llamado telefónico de los Estados Unidos [...] se llamaba Patricio Maidana”(28) – referido no trecho acima, é um homem que luta em busca de status socioeconômico, pressionado por sua esposa, Calda, grávida dele. Trabalha na seção das “sete diferenças” do jornal argentino *Crônica*, o que não lhe garante uma renda suficiente para o que aspira. Sua esposa o chamava de inútil, até que finalmente a “sorte grande” bateu-lhe à porta:

¹⁵ Mirtha Legrand, “rainha” da televisão argentina, atriz e apresentadora de TV, anfitriã do programa “Almoçando com Mirtha Legrand”, onde recebia convidados ilustres, ícone de sofisticação, elegância e glamour.

[R]ecibió el llamado desde los Estados Unidos. Unos alemanes habían descubierto una manera de clonar pollos que resultaba baratísima para la hamburguesería. No tenían huesos sino cartílagos; no tenían plumas, ni patas, ni picos, ni ojos; los tenía que ver, eran un negocio. Durante un tiempo los habían trabajado con la cadena KFC en el territorio estadounidense, pero ahora habían puesto su propia cadena, los Mc Pollen Fritten. Era una mezcla de McDonald's y KFC, pero mucho mejor. (36-37)

Patrício anima-se tremendamente e vislumbra uma possibilidade de ascensão social ao ser informado que seria “Gerente General”. Porém, esmorece um pouco à medida em que o proponente do negócio tratava de persuadi-lo dizendo que ele teria que fazer-se de palhaço, pois isso quebrava a imagem de superioridade que a posição lhe garantiria:

Vestirte de payasito, digo. Los padres que comen en McDonald's tienen la ilusión de que cada vez que mastican un Big Mac están haciendo beneficencia. Y todo por el payasito. Los alemanes creen que es el punto por el cual McDonald's vende más que KFC, aunque nunca se sepa bien adónde va a parar la plata de las donaciones. (39)

De acordo com os alemães, Patrick não *se faria* de palhaço, apenas *emularia* um para atrair mais clientes que, na ilusão de estarem fazendo caridade, doando parte do dinheiro pago no lanche para um instituto ligado à lanchonete, levariam seus filhos para comerem no Mc Pollen Fritten. Ainda durante a conversa sobre as diretrizes garantidoras do sucesso da empreitada e da assimilação da cadeia de restaurantes por parte da

população de La Magdalena, ouviu: “[o]tra cosa: desde ahora no te llamas Patricio, que es tan *under*...¿no? Tan *chileno*... [...] Patrick. Un nombre que brilla para un hombre que brilla. Patrick Mc Pollen Fritten” (39). Patrick, desta forma, renuncia o seu nome, sua identidade e subjetividade em prol do futuro sucesso em ser um pequeno empresário de um restaurante fast food, tipicamente americano. Patrick sabe que precisa se “americanizar” porque, afinal, na sociedade onde vive, as pessoas querem consumir o *American Way of Life*, ou nas palavras de Ritzer: “[t]hey want to be associated with America” (9). Já pensando em como pagaria baixos salários aos menores de idade que contrataria, Patrick considerou “darle de peón al clon de Chiqui” (38). Sergio não fora considerado para fazer o serviço, porque era o autêntico, o original. Víctor, sim, pois era meramente uma cópia, vivia sua vida no modo *stand by*, se submeteria a qualquer coisa.

Desde muito pequenos, as diferenças no trato entre os gêmeos era nítida: logo na primeira página, o narrador nos confessa que “[l]a madre, al hablar de Víctor, utilizaba términos como ‘el vago’ o ‘el que no piensa’ (Nielsen 13). O filho clonado era subjugado e somente Sergio recebia o amor da mãe – mesmo que destorcido – e era chamado por ela como “‘el hermoso’, ‘el inteligente’ o ‘el que emana amor’” (13). Em um dos jantares-espetáculo que Chiqui organizara, ela se mostrava “radiante, com su peinado nuevo de peluquería [...] y su bronceado de cama solar” (14-15). Serviu *coq-au-vin*. “Chiqui decía ‘cocován’, como si se tratara de un superhéroe” (14). Na ocasião, houve uma comprovação cabal das diferenças entre Víctor y Sergio. O original vestia “trajecitos de Giesso¹⁶ y [...] sentaba a la mesa con los invitados, mientras Víctor tenía puesto el pulóver de siempre y comía con la criada” (14). Numa possível tentativa de

¹⁶ Marca argentina de roupas de grife.

entretenimento, Chiqui, como excelente anfitriã, quis testar a capacidade de seus convidados em diferenciar os meninos:

Mandó a que trajeran a Víctor. Él se paró al lado de Sergio. Sabían de memoria lo que tenían que hacer, porque lo habían hecho anteriormente. Sonrieron. - ¿Cuál es cuál? Los niños eran idénticos, pero todos señalaron a Sergio, que estaba de traje. (15)

Embora Chiqui tenha segregado os filhos e lhes atribuído adjetivos desde os seus “nascimentos”, seus respectivos comportamentos geravam desconforto: Sergio, por exemplo, abusava de Zulma, a empregada doméstica da residência, “le decía Zulmeti y le tocaba el culo todas las veces que podía; la madre escuchaba las quejas de la paraguaya con fastidio. – ¿No te estarás confundiendo con Vitito? – Víctor es un caballero – contestaba Zulma” (14). Zulma gostava de Víctor e lhe fazia agrados sem que sua mãe sequer desconfiasse, uma vez que “[s]u desprecio por Víctor era tan básico, tan celular, que no podía suponer que alguien en el mundo fuera capaz de un gesto de cariño hacia él” (22). Intrigada pelas discrepâncias de comportamento entre os filhos, Chiqui contratou Daniel Goleman¹⁷ – colunista do *The New York Times* e possuidor de um programa de televisão na Argentina – para realizar um teste em seu filho preferido, o teste do bombom:

[U]na prueba *emocional* que medía la inteligencia *emocional* y su impacto en nuestra vida *emocional*. Había que abandonar al niño en una habitación en que hubiera solamente una mesa, una silla y un bombón, y dejarlo quince minutos frente a la golosina. Se le explicaba que el era el dueño del

¹⁷ Escritor internacionalmente renomado, psicólogo, jornalista da ciência, autor de *A mente meditativa*, *Inteligência emocional* e *Inteligência social*, entre outros.

bombón y que podía comérselo cuando quisiera. Pero, si hacía el esfuerzo de no comerlo durante el tiempo en que lo dejaran solo, se lo recompensaría con otro bombón. (16)

Os “aprovados”, segundo Goleman, eram “*más competentes desde el punto de vista social, menos propensos a derrumbarse si se los presionaba y más firmes al defender sus ideas*” (16). Isso, Sergio definitivamente não era. A respeito do chocolate usado no teste, o menino original “protestaba porque no eran Cadbury” (17), de marca inglesa. “A él que no le fueran con Arcor o Georgalos” (17), marcas argentinas de doces, o que já mostra a rejeição pelo nacional e a necessidade pelo “de fora” por parte do filho “original”. Resumindo o evento, Sergio não podia ter se saído pior no teste, se cansou muito tempo antes do esperado, sujou os móveis de chocolate e cuspiu no rosto do psicólogo, o que deixou Chiqui furiosa. A situação só piorou quando Goleman propôs fazer o teste no menino repositor. Apesar de a mãe ter dito que não valia a pena (18), concordou em fazê-lo. Enfureceu-se ainda mais: Víctor se saiu brilhantemente bem. Goleman continuou a conversa com Chiqui dizendo que:

“[L]os niños de hoy pasan mucho tiempo solos. Independientemente de lo que vean por televisión, el hecho es que no están jugando con otros niños, y nuestras habilidades *emocionales* siempre se han transmitido en forma vital: a través de los padres familiares, vecinos y amigos. [...] Por eso hay escuelas de emoción, para proporcionarle a la sociedad un vehículo que garantice que cada generación está aprendiendo las herramientas fundamentales: a controlar impulsos, a manejar la cólera, la ansiedad o la motivación”. (20)

Esta passagem denota a realidade estéril da vida em família e das relações intra e interpessoais na sociedade consumista, dada a valorização ao nada, à imagem, ao objeto; bem como a supressão do sujeito. Há, hoje, de fato, uma certa obsessão pela questão do “emocional” – tão ironizado por Gustavo Nielsen nas passagens acima – através do consumo obcecado da categoria de auto-ajuda, e ainda assim verifica-se a ansiedade por soluções rápidas, por esquemas prontos para a resolução destes problemas emocionais. O paradoxo é definitivamente grotesco: uma mãe desprovida de sentimentos e preparo na criação dos filhos – tanto do preterido quanto do preferido – busca, na televisão, doses sazonais de auto-ajuda, e testes psicológicos estúpidos. O próprio narrador é mais honesto na sua condição de insensibilidade e nos diz: “[d]e lo que nada sé es de comportamientos humanos, de sicología y de autoayuda, esas cosas que dan por la televisión y que Chiqui seguía con la fidelidad de una recién casada” (20). Chiqui buscava qualidade de vida e de relacionamento em família não de maneira consciente e consistente, mas sim através de, por exemplo, um programa de televisão chamado “Mejor Vida”, que, aliás, inundam a programação das televisões nos dias atuais. Toda a “busca” de Chiqui – através de pequenas porções televisivas – por melhoria pessoal e espiritual, entretanto, não foi capaz de conter sua cólera ao perceber que o filho renegado tinha melhor caráter do que o filho amado: “[le] suspendió el postre hasta los cinco años, mientras a Sergio le daban doble postre” (Nielsen 20). Punia, assim, o filho repositor por ser melhor que o filho original.

Pouco após este episódio, ao falar com a professora do filho R, que exaltava as qualidades de seu aluno, a mãe decidiu que ela mesma colocaria um fim naquela história e contaria a verdade sobre a “origem” de Víctor, “porque había leído los libros de Dale

Carnegie” (26).¹⁸ Chiqui “se preparou bastante” para uma conversa tão difícil e delicada: “[f]ue a la manicure, a la zapatería y a los peluqueros, que le plancharon el cabello” (26). Quando chegou a hora da conversa, a mãe o chamou: “Vitito, amor, aquí con tu padre queremos contarte algo” (26). A alegria no sorriso do menino, ao ter sido chamado de “amor”, acabou com a velocidade da luz: “Sos um clon R, querido. [...] Tu misión en la vida es apoyar en todo a tu hermano Sergio, que es el original, y ser un repuesto vivo de órganos para el – completó ella” (27).

A constatação do fato doeu em Víctor – um garoto que sonhava em ser príncipe – apesar de parecer saber do fato há tempos, dada a enorme diferenciação no tratamento dedicado a ele.

Por mais absurdo que o enredo de *El corazón de Doli* possa nos parecer, o mundo da clonagem retratado na obra em análise, apesar de estar situado em algum lugar no futuro – não se sabe quando exatamente – se assemelha muitíssimo ao que vivemos hoje, em 2011, influenciado por símbolos como os da Coca Cola, pela Barbie, pelo McDonald’s e pela volatilidade das relações interpessoais que acompanham o ritmo frenético de consumo. Entretanto, neste mundo em que Nielsen nos arremessa, a modificação genética e a clonagem de animais humanos e não-humanos são uma realidade, seja para ter filhos com pele, cabelos e olhos na preferência de seus pais, para ter um repositório de órgãos que servirá ao “original” à sua revelia, ou até mesmo para aumentar a produtividade de uma cadeia de fast food através da elaboração de frangos sem ossos, bicos ou patas.

¹⁸ Dale Carnegie foi um escritor e orador norte-americano. Escreveu best-sellers como *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas* e *Como Evitar Preocupações e Começar a Viver*. Foi conselheiro de líderes mundiais, escreveu colunas em diversos jornais e teve o seu próprio programa de rádio. Fundou o que é hoje uma rede mundial de mais de 2.700 instrutores e escritórios em aproximadamente 80 países em todo o mundo.

A sociedade imersa nesta atmosfera admite e assimila esta realidade, certa da sua própria pretensão de “cidadania” e “sociabilidade”. Entende-se, por exemplo, que seja razoável ter um filho repositivo de órgãos para o “original”, de prontidão para dar-lhe o que falta, assim como há o estepe da roda de um carro, no caso de alguma emergência. O clone R é um arquivo vivo de “esteses”. Sergio é o filho predileto, o “autêntico”, que tem privilégios como possuir cartões de crédito, viajar de avião, fazer universidade, entre muitas outras atividades prestigiosas, sem sequer trabalhar por elas. Víctor, o clone R, de repositivo, não se veste com roupas de marca, é uma espécie de servente, um ser degradado, obrigado a fazer tarefas domésticas para seu irmão e estar disponível para o seu bel-prazer.

Através destas circunstâncias, Gustavo Nielsen põe a instituição da família, os meios de comunicação, os procedimentos de mercado e, sobretudo, a plausibilidade de um mundo equilibrado e pautado na ética em xeque. Para isso, por vezes recorre à ironia, ao humor e ao absurdo. Em *El corazón de Doli*, veremos adiante que se torna nítido o desaparecimento da ética em relações de toda sorte, sejam elas familiares, conjugais, entre homens e mulheres, e, principalmente – por tudo se tratar de – relações de negócios.

O sociólogo estudioso dos padrões de consumo e globalização, George Ritzer, discorre sobre o processo de McDonaldização de toda uma sociedade em suas mais diversas manifestações (*McDonaldization* 2010). De acordo com o olhar de Ritzer, “McDonaldization [is] the process by which the principles of the fast food restaurants are coming to dominate more and more sectors of American society as well as of the rest of the world” (4). O autor acrescenta que “[i]n innumerable ways, the organization of everyday life has been altered, sometimes drastically, by the spread of McDonaldization

across the globe” (396). É preciso que se entenda quais são os pilares dos quais a McDonaldização se apóia, para que possamos fazer uma leitura destes componentes em *El corazón de Doli*.

O primeiro deles reside na previsibilidade, ou seja, na certeza de que os produtos e serviços serão exatamente iguais em qualquer lugar ou tempo. Em outras palavras, é a garantia de que um Big Mac em Singapura seja igualzinho a um Big Mac em Omaha. Os clientes não querem ser surpreendidos, nem pelo pior, nem pelo melhor. Os funcionários McDonaldizados também se comportam de forma previsível. O que fazem e o que falam são, por vezes, altamente previsíveis (Ritzer 17). Na obra de Nielsen, os empregados que trabalham no Mc Pollen Fritten são até mesmo submetidos a uma cirurgia plástica para terem sempre um sorriso estampado na face, apesar do trabalho robotizado que exercem:

una chica de doce años, Fernanda, que estaba siempre llorando. [...]

Patrick sugirió ‘un reflejito de dientes, una luz para la cara’. Pero los alemanes, que eran los que pagaban el implante de labios y el estiramiento de los músculos risorios, pidieron la sonrisa máxima. (47)

Assim, vemos que mesmo ao limpar as mesas da lanchonete - num contato mais próximo com os freqüentadores – ninguém percebe sua tristeza porque ela está, superficialmente, sorrindo. Esta pode ser uma excelente alusão à indiferença por parte das camadas médias e altas da população em relação às condições de vida e trabalho dos que pertencem à classe economicamente inferior. As pessoas se tornam invisíveis e o que se quer é ser bem atendido, com palavras gentis e um largo e acolhedor sorriso nos lábios. A imagem é o que vale. A alegria McDonaldizada satisfaz.

O segundo pilar sustentador na McDonaldização é o controle, exercido sobre *todas* pessoas que ingressam o mundo McDonaldizado do consumo. Em outras palavras, filas, menus limitados com poucas opções e assentos desconfortáveis fazem com que o cliente faça o que se espera dele: que coma rápido e saia. Quem trabalha em organizações McDonaldizadas também é controlado: desempenham poucas funções que têm que ser feitas com uma precisão quase que sobrenatural e, para isso, contam com a alta tecnologia. Neste esquema, o poder criativo e a “emoção” são suprimidos. No restaurante de Patrick, os empregados trabalham em situações tão degradantes e realizam um trabalho tão robotizado e impessoal, que tiveram seus rostos talhados em forma de sorriso. Serve como uma boa paródia para as fotos dos “empregados do mês” com sorrisos escancarados, tão comumente estampadas em estabelecimentos McDonaldizados que frequentamos. Nestas fotos, os sorrisos não são exatamente fabricados por um cirurgião, mas são certamente incoerentes com o reconhecimento social e financeiro de um bom trabalho realizado.

Voltando ao processo de McDonaldização, o terceiro pilar é o da eficácia: o melhor método de se ir de um ponto ao outro. O *drive-thru*, inclusive, é a maneira mais eficaz de se passar do estágio de “faminto” para “satisfeito”. Essa necessidade de “otimização” – do tempo, das técnicas – se aplica à maioria das necessidades do ser humano moderno, sejam elas perder peso, lubrificar o motor do carro ou completar o imposto de renda (Ritzer 16). Pudemos ver anteriormente que Chiqui, ao invés de encarar seus problemas familiares com honestidade e franqueza – o que lhe tomaria muitíssimo tempo – recorre a programas de televisão com técnicas simples para se “melhorar a vida”.

O quarto e último pilar da McDonaldisação é o da calculabilidade, que enfatiza o aspecto quantitativo de algo (porção, tamanho, custo) e serviços oferecidos (o tempo gasto em obter o produto). Neste caso, o que valem são as máximas de “quanto maior, melhor”, ou quanto mais rápido, melhor (16). O que percebemos mesmo é a busca desesperada pelo “melhor”. E é claro, se há desespero, evidencia-se a necessidade da rapidez. Em *El corazón de Doli*, um slogan em um anúncio de clínica de clonagem propagava a seguinte mensagem: “¿Por qué está bien que la gente elija la mejor casa, los mejores autos, el mejor médico, pero no trate de tener el mejor hijo posible?” (150). Ainda sobre o fato de ser mais fácil, mais barato e mais rápido ter um clone para suprir as necessidades, o narrador, fala sobre o fato de ter sua clínica num lugar escondido no começo de sua carreira:

Así tuvo que ser durante el tiempo en que la clonación humana para reemplazo de órganos era vista como una obra de monstruos. Ahora la gente ha comprendido que es mejor que pagar una obra social. Conseguir un donante es difícil y caro. En el sistema de clonación R, por ejemplo, si uno no usó los órganos porque nunca se accidentó, al menos tuvo un hermano que trabajó y aportó lo que pudo. (41)

Constata-se, assim, que além de ser aceitável apropriar-se de um corpo para benefício próprio, por ser mais barato; se não houvesse a necessidade de algum órgão ou tecido, o “investimento” não seria todo em vão, visto que o clone teria servido a seu original de todas as formas que lhes coubessem. Percebe-se isso no fato de que Víctor e Sergio estudam, obviamente, em escolas diferentes. Sergio estuda uma escola *inglesa* de escolaridade simples “porque el niño se hartaba a media tarde” (22, grifo meu). Víctor,

por sua vez, estudava numa escola “del Estado, para que pudiera hacerle los deberes al hermano” (22), e ia buscá-lo na saída, “para cargar con la mochila” (22).

Os efeitos do estilo de vida McDonaldizado permeiam a existência atual nos mais “insignificantes” atos, sejam eles diretamente ou indiretamente ligados ao consumo.

George Ritzer aponta que:

A wide range of the most contemporary phenomena [is] being affected directly or indirectly by the McDonald's model (and McDonaldization). Among them are text messaging, multitasking, mobile cell phone use and entertainment [...], iPods, Myspace, YouTube, online dating (e.g. match.com), Viagra, virtual vacations, and extreme sports. (5)

Nesta espécie de tsunami do consumo e de imagens, o sujeito se afoga, se anula, morre de certa forma. E o que resiste é o objeto. Jean Baudrillard, em *Simulacros e Simulação* (1991), aponta que a contemporaneidade é marcada pelo uso do poder imagético na construção de novas identidades e na legitimação do consumismo no novo estágio do capitalismo. Esta é a circunstância na qual a sociedade em *El corazón de Doli* se inscreve: com “identidades” edificadas sobre apropriação de imagens, códigos, símbolos, regras e modelos que decidem como os indivíduos se reconhecem e se relacionam em grupos. A hiperrealidade fornece experiências mais intensas do que a vida comum, ao mesmo tempo em que a torna estéril, dada a artificialidade. Neste círculo vicioso, a simulação da realidade mostra que, uma vez que a realidade já não é mais palpável, a única fonte de conhecimento é o simulacro. Como resultado, o que se vê é uma desfavorável situação que parece não ter saída, principalmente para quem se vê capturado por ela, como robôs abduzidos pela bolha capitalista e globalizante. Na obra de

Nielsen, os personagens são, em sua maioria, sujeitos exaustos e apáticos, alienados pela tirania capitalista presente em sua “realidade”.

Anteriormente, na idade moderna – com a influência do Humanismo, do Renascimento, até o Iluminismo e a Revolução Industrial – o que se exaltava era o esplendor da subjetividade, do poder de domínio que o homem tinha para com o objeto. Hoje, na era pós-moderna, no capitalismo tardio, são as coisas que parecem possuir os homens. Ao homem, cabe o papel de desejar e, ao objeto, o poder de seduzir: “everything comes from the object and everything returns to it, just as everything starts with seduction, not with desire” (111). Na perplexidade ante à maravilha causada pelo objeto, o sujeito perde sua agência e é movido pela cultura *mainstream* em nível global.

Em *El corazón de Doli*, por exemplo, Chiqui, para demonstrar seu carinho e apreço por Sergio, lhe fornece vários atestados de pertencimento à “sociedade”:

tarjeta Banelco, las tarjetas de crédito Visa y Mastercard; la American Express Gold. La cédula limpia, el registro sin la letra R maldita. El carnet del Club de Regatas, [...] el pase del Rotary, [...] el vip para entrar en todas las *boîtes*. (189)

Desta forma, evidencia-se o uso do consumo como substituto para demonstrações de afeto e apreço. Víctor não possuía nenhuma destes passaportes para a cidadania do consumo em sua carteira. Pelo contrário, os clones repositores tinham a letra R marcada em seus documentos de identificação, assim como animais que tem símbolos de identificação impressos em seus corpos.

A vida de Víctor era uma vida de servidão e privação. Porém, o curso de sujeição às variadas formas de aspereza que a vida lhe impunha se desvia ao conhecer Dolores –

de apelido Doli¹⁹ – num concurso infantil de poemas promovido por “Mc Pollen Fritten, en coordinación con la empresa Mattel de los Estados Unidos, la de las Barbies, y una fábrica alemana de evásticas” (49). Assim como ele, Dolores era sensível, gostava de escrever poemas, e gostava do mar e da lua. Apesar de ter ganhado o concurso de poesia, Doli estava preocupada com o prêmio em questão:

Yo nunca había tenido una Barbi, porque mis papás las odian. Dicen que son el acto de misoginia más severo, el argumento ideal de los machistas y las responsables de la anorexia adolescente. Sinceramente no sé como voy a volver a casa con esta muñeca. (58-59)

O lar de Dolores parecia ser, desta forma, diferente do lar de Víctor, onde a mãe, Chiqui, cultivava seu próprio cabelo de “Barbie madura” (15) e venerava as aparências. Num primeiro momento com Dolores, Víctor se fez passar por seu irmão, Sergio, temendo rejeição por parte dela, por ser um repositor. Naquele mesmo dia, trocaram afetos. Víctor descobriu-se como sujeito quando beijou Dolores pela primeira vez. “[S]intió el recuerdo de todos y cada uno de los genes del proceso evolutivo [y] el calor de la memoria del amor” (91). Depois do ocorrido, Víctor contou-lhe a verdade sobre sua “origem”, mas Dolores pouco se importou, e seguiram juntos. Até então, Dolores não sabia que também era como Víctor. Fora criada com Sofia, sua irmã, com um pouco mais de igualdade e coerência, até ser solicitada a fazer “contribuições” à saúde de sua irmã com o seu próprio corpo. Quando Dolores e Víctor conversavam sobre a questão dos clones R, sem saber que era uma, disse: “No me parece demasiado amoroso. Ni ético”

¹⁹ Referência óbvia à ovelha Dolly, o primeiro mamífero clonado de um adulto, em julho 1996, embora seu nascimento só tenha sido anunciado em 1997. O “nascimento” – ou a criação – de Dolly produziu manchetes nos jornais de todo o mundo e críticas e temores de que a clonagem de seres humanos não estaria muito longe. A ovelha faleceu em 2003.

(85). Víctor, indignado, respondeu: “¡Qué razón más ética que salvar una vida! Qué cosas no haría una madre por salvar a un hijo...Las mismas cosas que haría un buen hermano”

(85). Apesar do tom altruísta de Víctor no diálogo, a problemática da sua opinião está no fato de justamente não ser a mãe que salva um filho no contexto do romance. As mães, sim, compram “repositores” para esta finalidade. Pepa, a mãe de Dolores, poderia ser doadora de medula para Sofia, sua filha “original”, mas omite este fato e “aciona” Dolores para fazê-lo.

A partir do relacionamento com Dolores, Víctor se conscientiza de “que si la situación entre ellos seguía y, por ejemplo, se iban a vivir juntos, él iba a tener necesariamente que rever su destino” (93-94). Isso fez com que Víctor começasse a se incomodar mais com os insultos e abusos por parte do seu irmão. Após ser confrontado e humilhado por Sergio, que descobrira sobre sua namorada e se enciumara, Víctor revisitou sua condição:

Sacó su billetera, su DNI. Allí estaba el sello culpable, ocupando todas las páginas. El sello por el cual no sería de él la decisión de ir a la universidad, por el cual no podía tener propiedades a su nombre; el sello culpable de que Víctor no tuviera permitido votar, heredar o viajar al extranjero sin permiso escrito de Sergio. (103-104)

O irmão “original” não admitia que seu clone amasse ou fosse amado por alguém. Ainda sobre esta ocasião, há que se observar o caráter descartável das relações interpessoais na era pós-moderna do capitalismo tardio que se evidencia na postura de Sergio em relação às mulheres, quando conversa com seu repositores a respeito de sua namorada. “¿Y te culeás a otras? “No.” “¡Boludo! Culeate más. [...] Hay que cogerse a

todas las minas, son para eso” (107). Sergio também se surpreendeu quando perguntou sobre a virgindade de Dolores: “¿Cómo, está usada?” (110). Sergio vê as pessoas como objeto, para serem usadas e descartadas, o que incomodava muito a Víctor. Para o namorado de Dolores, não lhe importava o fato de ela haver tido relações sexuais com seu namorado anterior.

Após uma noite de amor entre o casal, quando Dolores suspeitava de gravidez, Víctor recorreu a seu pai para discutir sobre probabilidades. O narrador nos informa:

Yo le dije que se olvidara: es la más difícil de las coincidencias, con el funcionamiento casi desganado que tiene ahora la naturaleza. La vida se va adaptando: en el 1800 todos los niños salían por vía vaginal; desde 1960 hasta el 2015, el setenta por ciento de los alumbramientos fueron por cesárea. Llegaron a echarles la culpa a las obras sociales, con el argumento de que la cesárea dejaba más rédito a las clínicas. ¡Pura mentira! Los niños se negaban a salir por el canal de parto, porque la naturaleza se había adaptado. Hoy está pasando lo mismo con la manipulación genética: los engendramientos naturales son cada vez menos. Hemos pasado de la sexualidad sin procreación a la procreación sin sexualidad. (98)

A esterilidade/assexualidade da sociedade existente em *El corazón de Doli* é levada ao extremo novamente neste trecho. As pessoas não têm mais filhos através de relações sexuais, mas sim através de combinações genéticas feitas em laboratório.

Víctor e Dolores passavam, juntos, por sujeições à condição de “repositores”. Víctor teve que servir seu irmão com um olho, apesar de já não ter mais aquela opinião altruísta. Teve que fazê-lo e pronto. Ao mesmo tempo, a irmã de Dolores ficava mais e

mais convalescente e necessitada de sua ajuda, de seus órgãos. Mesmo antes de Dolores aparecer e “ressignificar” sua vida, Víctor apostava na loteria religiosamente. Certamente, via ali a chance de escapar daquela vida subserviente e asfixiante. Porém, deixar aquela condição não seria fácil tarefa. Os bilhetes de loteria traziam os dizeres “SOLO TIENE VALOR LO AUTÉNTICO” (94), para evitar fraudes e cópias. Eles também lembravam Víctor da sua condição de cópia e dos valores compartilhados em sociedade. O fato é que Víctor já estava farto dos abusos de seu irmão. E decidira que sua vida iria mudar de uma forma ou de outra. Assegurou à Doli:

“– Comienza una nueva vida, para Víctor, el rey. [...] – ¿Y de qué se trata esa nueva vida? [...] – Cambios...Futuro. – ¿Y yo estoy ahí? Él la miró con el ojo destapado. – Obvio – dijo-. Víctor va a ser mendigo o millonario. – ¿Sin término medio? – Nada.” (133). Para Víctor, era tudo ou nada; afinal, ele não tinha muito a perder inserido naquela marginalidade e subserviência.

Dolores, por sua vez, vivia momentos mais e mais difíceis ao ser informada que era uma clone R e que teria que, mais uma vez, se dispor a salvar a vida de sua irmã original. Vivia um conflito interno, porque não queria “ser una donante eterna” (140). Víctor tentava consolá-la dizendo: “[c]uando ganemos la lotería, ya verás” (140). A salvação estava no status financeiro, fugiriam para longe, para o exterior, onde não soubessem que eles eram clones R, e estariam livres.

A situação de Dolores só fez piorar quando Sergio, não se dando por satisfeito em humilhar Víctor e Dolores, foi ao encontro de Doli fingindo ser Víctor e a violentou. Víctor fora drogado pelo irmão e dormiu por horas, evitando que estivesse com Dolores no momento de sua decisão final sobre a doação de órgãos e de sua partida para o

hospital, logo após o estupro. Conseguiu acordar a tempo de correr até a ambulância, mas não foi possível conversar com Doli, já sedada para realizar a operação. Víctor não se aquietava e partiu com seu pai – mesmo a contragosto de Chiqui e Sergio – para a cidade onde estava o hospital em que estava Dolores, a fim de saber de seu estado. Lá, perguntou por Dolores Kedayán, mas a atendente “[no] sabía de quién estaba hablando” (151), afinal, ela era apenas uma “R”. Nos registros internos do hospital só constava o nome da “original”, a irmã Sofia. Dolores havia morrido e sequer havia um registro de sua morte.

Desta forma, Víctor perde a possibilidade de ser um sujeito pleno. O pai nos relata sua tentativa de amenizar seu sofrimento, uma vez que percebera que seu filho era portador de sentimentos:

Le receté Prozac; uno cada mañana al despertar. Los tomó cuidadosamente, aunque cuanto más tomaba, más sufría. El tiempo contrariaba el efecto de la pastilla: los días pasaban y el recuerdo parecía afirmarse. Releía las poesías, tocaba los aros de Dolores, besaba la polaroid, acunaba a la Barbie. Pasaba el día tirado, la parte del día en que Chiqui lo dejaba tranquilo. Víctor estaba instalado en el dolor [...]. (171)

Sem Dolores, sua vida voltara ao estágio anterior: era simplesmente um clone e continuaria assim. O pai, na tentativa de fazê-lo melhorar os ânimos, pagou a Sergio quinhentos pesos para que saísse com Víctor. Foram a um pub e depois ao barco onde Víctor costumava se encontrar com Doli. Víctor começou a remar e propôs uma conversa franca, perguntando a Sergio, sem ainda saber do estupro: “[q]uería saber por qué me engañaste com Dolores, por qué fuiste tan cruel” (181). Sergio respondeu: “[m]e la cogí

porque se me cantó las pelotas. [...] Tengo derecho sobre todo que vos tenés. Tengo tu ojo (182). Prosseguiu na crueldade: “Antes de irse, gozó com el verdadero – dijo -. Fue feliz” (183). Víctor não suportou a dor que Sergio lhe causara e o matou. “Llovía como se fuera la última de todas las tormentas” (185), numa metáfora para a fim dos tormentos que obstruíam sua existência.

Para livrar-se do corpo – embalado numa lona – foi até Mc Pollen Fritten e moeu a carne de seu irmão numa das máquinas da lanchonete:

Adentro, encendió la sierra sinfin. El giro de la cinta era muy cerrado para que entrara el cuerpo de su hermano. Buscó otra máquina. En el local parecía no haber herramientas manuales. Sergio habia perdido, además del cerebro y el ojo, el bóxer de Cacharel. (190)

Naquele momento, tudo estava moído: o cérebro vazio de um ser alienado, o olho que não lhe pertencia e a roupa íntima de marca francesa. Tudo convertido a uma massa vermelha e espessa. “Buscó la harina, el pan rallado, los huevos, los vegetales procesados, unos dientes de ajo, las salsas, el pan” (198) e fez um sanduíche com a carne de Sergio. Comeu-o. Depois do acontecido, Víctor perambulou pelas ruas da cidade e resolveu entregar-se à polícia. Lá, viu sua mãe em uma outra sala, desesperada em busca de Sergio. Confessou o crime a um oficial, que não quis prendê-lo, recomendando que fugisse da cidade, da sua mãe: “Porque es un clon de repuesto, ¿entiende? Un nada, un paria” (219). E continuou: “A la gente le dan asco esas cosas. Podrían reaccionar. Sobre todo si se enteran de que el culpable tiene una letra R en cada una de las páginas de su documento” (220). As passagens acima evidenciam duas críticas à questão da violência na sociedade contemporânea: Víctor, R, representa a classe marginalizada – desprovida

de agência ou voz – e rompe com o sistema através da violência, sua única possibilidade de reconhecimento. Ademais, pode-se fazer uma leitura do sistema carcerário em muitos países que privilegiam criminosos que pertencem a uma classe social mais elevada. Víctor não era protegido por lei alguma, não era um cidadão possuidor de direitos e somente recebera essa instrução do oficial porque o mesmo era também um R e partilhava da sua condição.

Víctor, perdido e confuso em sua fuga, novamente procurou o mar. A praia é o único vestígio de natureza no romance, onde Víctor demonstrava sua humanidade através de emoções e sentimentos. Era lá que ele demonstrava seu amor por Doli e fazia planos esperançosos para sair daquela condição degradante. Lá também foi palco da sua ação insurgente e local do crime que cometeu ao matar seu irmão. Em meio a seus pensamentos, remando incessantemente, percebeu que era seu tio Coto que estava ali, buscando por ele, com uma lanterna. Víctor admirava seu tio, bem como:

el sistema de verdades que él manejaba en su negocio. Para Víctor, Don Octavio Coto era el personaje modelo. (...) El discurso de Coto no ocultaba nada: era un argentino que trabajaba para los argentinos. No como el tío Patrick, que ni sabía para quién trabajaba. ¡Hasta su nombre estaba en otro idioma! (222)

Tio Coto era dono de uma cadeia de supermercados argentinos “para los argentinos” (222) e dirigia um Torino verde, “único auto cien por ciento argentino” (222). Durante a conversa, Víctor falava a seu tio sobre sua admiração: “Usted nos ennoblece como argentinos. [...] Estamos inundados de cosas foráneas, ¿no?” (235). Prosseguia em sua manifestação: “[p]ara un argentino todo lo extranjero es mejor que lo verdaderamente

argentino” (236). Percebe-se aqui, mais uma vez, a revolta de Víctor sobre a situação de fantasia e de artificialidade da sociedade em que vive. Continuou: “Usted es un príncipe. [...] Se lo digo yo, que trabajo con el enemigo” (236), se referindo a Mc Pollen Fritten e a seu tio Patrick. Tio Coto rebateu, concordando com o sobrinho: “Lo sé. (...) Es mi empleado. (...) Soy el dueño de todo” (237). Coto explicara a Víctor que o suposto “conflito” entre os tios era parte de uma estratégia, para agradar a todos. Mesmo sob a ilusão de estarem consumindo comida local, beneficiando a própria nação e os produtores locais, o fato era que todos os consumidores estavam sendo ludibriados pela mesma máquina capitalista monopolizadora.

Víctor se abateu. Tio Coto esclareceu que as brigas ideológicas – e televisionadas – com tio Patrick eram apenas estratégias de marketing e que a sociedade firmada com empresas multinacionais era pautada em desequilíbrio: “[e]s una sociedad desigual – dijo –, donde te dan lo menos posible y te piden todo. Ser el socio tercermundista de dos potencias extranjeras significa un montón de cosas injustas” (238). Diante de tantas revelações, Víctor decidiu fazer mais uma pergunta, sobre os pollen: “[e]sos animales horribles de los que habla la gente” (238). Seu tio confirmou sua existência e proferiu ódio ao Greenpeace, que protestava e não se importava que houvesse, nas palavras de Coto, “miles de familias que trabajan e viven de esos pollen” (239), como se tratasse de alguma caridade que fizesse a esses milhares de pessoas.

Sobre a produção em massa de alimentos e sobre as pessoas envolvidas neste tipo de negócio, George Ritzer menciona outra forma de McDonaldisação, denominada “Vertical McDonaldisation” (Ritzer 13). De acordo com ele, as companhias que provém matéria prima usada em empresas McDonalizadas também se verticalizaram. “Potato

growing and processing, cattle ranching, chicken raising, and meat slaughtering and processing have all had to McDonaldize their operations, leading to dramatic increases in production” (13). No caso do romance, chega-se ao absurdo da mutação genética chegar a produzir frangos como bolas de massa amarelada, para serem quase que cem por cento aproveitados, com a finalidade de satisfazer a insaciável demanda. Torna-se imprescindível, não somente otimizar a produção, mas expandi-la exponencialmente, seguindo o lema “Get Big or Get Out” (200).

Ritzer aponta que “[t]hat growth has not come without costs, however. [S]mall (often non McDonaldized) producers and ranchers have been driven out of business, and millions of people have been forced to work in low-paying, demeaning, demanding, and sometimes outright dangerous jobs [...] with largely anonymous corporations. [...] While some [...] have profited enormously from vertical McDonaldization, far more have been forced into a marginal economic existence (13). Assim, como visto também no capítulo I, as grandes companhias, encurralam os pequenos produtores a fazerem parte de seus monopólios, sob a ameaça de extinção de seus negócios. A muitos deles, só cabe aceitar.

A respeito dos pollen, Tio Coto revela ao sobrinho que os eles ficam no porão de lanchonete, esperando serem esquartejados pelo açougueiro. É lá que Víctor vai se esconder – por ter matado o irmão – e comprovar de perto que, como se já não bastasse o asco provocado pela descrição desta triste espécie de “frango”, a sociedade de *El corazón de Doli* revela um outro resultado da verticalização descrita por Ritzer:

Cada noche, unos trescientos animales salían descabezados del sótano, e ingresaban otros tantos por una ventana de un metro de alto que quedaba

debajo de la escalera. La ventana era el punto de llegada de un conducto oscuro. Alguien, a quien Víctor solo le veía las menos, los tirava rodando. Víctor era el encargado de enchufarlos a los tubos desocupados. [...] Los pollen ya llegaban con olor a miedo. [...] – ¿Quién es el que hace las entregas? – No sé – contestó el matarife. (Nielsen 254)

Com o passar dos dias, trancado naquele porão sem saber se era dia ou noite, Víctor havia se acostumado aos maus-tratos impostos aos animais – ou às bolas de massa com pouquíssimo sabor de frango. Entretanto, inusitadamente, se identificou e se afeiçoou a um deles, por reconhecido nele uma pupila, um olho. Nomeou-o Carlitos. O animal foi poupado do golpe certo do açougueiro, a muito contragosto, e gerou uma indisposição entre os dois habitantes do porão. Num dia de fúria do matador de animais, o açougueiro proferiu: “[u]na noche te lo hago mierda” (259), referindo-se a Carlitos. Víctor tratou de acalmá-lo, dizendo “[j]amás te va a pasar. De esta salimos juntos” (259).

Num determinado dia – ou noite – Víctor abriu os olhos e sentiu seu corpo estiraçado. Ao seu lado, no antigo lugar de Carlitos, havia agora uma “Caja Feliz”, com o olho de Carlitos no centro do hambúrguer. Na caixa, estava escrito “CHARLY’S CHICKEN SPECIAL” (11). Ouviu Chiqui ordenar a Fernández – capanga contratado por ela – que fosse embora, e a viu entregar-lhe um cheque, enquanto ela descia as escadas “como lo hubiera hecho Mirtha Legrand” (265). Chiqui esclareceu:

[a]hora amo a mi hijo. [...] quiero otro igualito. (...) Ahora volvés a casa y vamos con papá para que te saque una célula. (...) Para tener otro hijo como vos o como... Sergio. (...) Un hermanito... (...) Pero esta vez vas a tener todo lo que pidas, ¿no?, porque vas a ser el original”. (266)

Nada havia mudado, a vontade de Chiqui era a de apenas *repetir* o ciclo, provando não ter amor nem a Sergio, nem a Víctor, nem ao próximo “filho” que desejava “ter”. Ela continuou: “[v]as a poder hablar por celular, mirar la televisión, el cable, tomar mucho alcohol, ir en avión. Ir a la universidad, navegar... ¿No te gustaría navegar? Podrías tener hasta tu propio yate” (267). A demonstração de apreço, novamente, estava em proporcionar a Víctor não carinho e reconhecimento, arrependimento, mas sim proporcionar-lhe símbolos, imagens de status, poder e inclusão na sociedade de La Magdalena. Víctor lhe respondeu que somente queria uma coisa, uma única coisa: ser um príncipe (268). A clonagem foi feita e Víctor fugiu com seu irmão – ou filho – chamado Dante, numa provável e feliz referência a Dante Alighieri e sua *Divina Comédia*.

El corazón de Doli é um romance moral, trata do fundamento do ser humano de alcançar a diferença, de diferenciar-se dos outros, ao mesmo tempo em que o que não há a percepção de que o que se vê são pessoas como zumbis, submersos em “[n]othing more than a simulation of life, not life itself” (Ritzer 39), obedecendo a severas regras mercadológicas. Inúmeras referências a símbolos do capitalismo globalizado aparecem para ilustrar a temática: Coca-cola, Barbie, Polaroid, Polo e Lacoste. Toda esta espécie de ditadura *fashion* e comportamental revela a natureza de um mundo oprimido pelas exigências de uma sociedade dominada pelo consumismo totalitário.

Com a supressão do sujeito, a sociedade se esgotará? A McDonaldização nos levará ao nada? Ao mesmo tempo em que a globalização divulga a diversidade de países, costumes e culturas, ela também traz uma espécie de igualdade, no pior sentido da ideia, que talvez encontre melhor significação no termo em inglês *sameness*. Em outras palavras, *sameness* designa mesmice, uma “igualdade” – ou conformidade – que

padroniza, em certa medida, os desejos, as necessidades e os símbolos de status das pessoas. Outro termo importante para ilustrar o romance estudado é *conformity*. Bastante usado nos anos 60 em protestos contra o *establishment*, o termo implica uma aceitação passiva do estado de *sameness*. A globalização levando ao vazio do “nada” também é abordada por Ritzer:

[T]here is a greater demand throughout the world for nothing than something. This is the case because nothing tends (although not always) to be less expensive than something, with the result that more people can afford the former than the latter (as we know, McDonald’s places great emphasis on its low prices and “value meals”. (404)

Ritzer acrescenta que a McDonaldização “is a version of the recent idea of the worldwide homogenization of societies through the impact of multinational corporations” (342). Trata-se de uma verdadeira invasão econômico-cultural, que faz com que pessoas de todas as partes do globo desejem as mesmas coisas. O resultado disso são massas que seguem a “cultura” *mainstream* sem o menor senso crítico e percepção das proporções que esta situação toma em suas vidas. Desta forma, o “nada” é muito atraente para a implementação e fixação de políticas capitalistas. “Also, nothing has an advantage in terms of transportation around the world. These are things that generally can be easily and efficiently packaged and moved, often over vast areas. The frozen hamburgers and french fries that are the basis of McDonald’s business are prime examples of this (405). Curiosíssima é a necessidade de, em meio a essa mesmice, existir a valorização – ou a ilusão – do “autêntico”. Em meio à McDonaldização, à cópia desenfreada, há, ainda, segundo Ritzer:

a restless search by producers for niche-marketing-strategies in which they can multiply product variation in order to match market demand. In many instances, this has forced a downscaling of enterprises that can maximize market sensitivity. Correspondingly, affluent consumers engage in a restless search for authenticity. (351)

Sendo assim, é falaciosa a presunção de que se está buscando salvação e diferenciação na autenticidade. O romance de Nielsen claramente chama a atenção do autor para o paradoxo de a sociedade contemporânea valorizar a autenticidade ao mesmo tempo que valoriza a conformidade. Ainda dentro desta atmosfera de pressão de consumo e pertencimento, uma outra questão parece ser de grande importância: “¿Cómo revertir los derechos de toda una vida en sociedad? ‘Únicamente con violencia’” (211), indaga o próprio narrador do romance. Há uma forte crítica social e uma alegoria para as disparidades sociais, onde só se pode gozar de uma vida plena – através de símbolos de luxo – se existe capital para isso. Os clones R têm essa privação e Víctor somente conseguia ver uma potencial saída ganhando na loteria, afinal, em *El corazón de Doli*, “[e]l mundo es una mesa tendida dispuesta para recibirlo” (15) somente se você é privilegiado. Há uma abordagem clara da discriminação e de todas as questões inscritas nesta discriminação. Assim como o mercado de negócios com suas estratégias repressivas maneja a vida de muitos, no romance, todos têm sua vida guiada de maneira apocalíptica, sendo abastados ou não. A repressão da subjetividade do não-humano é ilustrada através dos pollen; a dos clonados humanos através da segregação e da inclusão/não-inclusão no mundo do consumo e do prestígio social e, por fim, a dos que estão inclusos nesta bolha capitalista e que são completamente dominados pela imagem e pelo objeto.

Afinal de contas, viv(er)emos somente através de espetáculos, simulacros e simulações? A obra de Nielsen aborda a genética manipulada pela amoralidade e é uma sinalização para esse mundo não tão quimérico ou distante do que vivemos hoje. O fato de não haver uma definição exata na temporalidade da obra chama a atenção pela confusão entre presente e futuro, “real” e “irreal”, possível e impossível, sobre o quão perto podemos estar desta condição bizarra e distópica que *El corazón de Doli* nos revela.

CONCLUSÃO: SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Nesta tese, analisei três obras literárias latino americanas contemporâneas que representam a relação dos homens com a natureza e com a sociedade na atualidade. Através do meu estudo, busquei questionar a aproximação utilitarista do humano à natureza e a organização social e econômica em vigor, ambas fundadas nos preceitos mercadológicos da globalização neoliberal. Também tive como objetivo criticar o conceito de crescimento econômico quantitativo vigente em detrimento do crescimento qualitativo e sustentável – tanto para o meio ambiente quanto para a sociedade – identificando o amálgama formado pela injustiça social e degradação ambiental.

John Cobb, teólogo estadunidense e estudioso de questões ligadas à justiça social, e Charles Birch, biólogo australiano, propuseram um “modelo ecológico” à sociedade contemporânea através da obra *The Liberation of Life: from the Cell to the Community* (1981). Este modelo revela uma atitude de reconhecimento e respeito a todos os seres vivos, num exercício de ultrapassar e transcender o utilitarismo e o mecanicismo que centralizam o homem como referência para todas as decisões políticas, econômicas, sociais e ambientais. Cobb e Birch sugerem uma mudança de visão: de antropocêntrica para ecológica. Por “ecologia” – termo originário de *oikos* (casa) e *logos* (razão), ambos em grego – entende-se a o estudo das interações entre os seres em seu habitat. Partindo deste ponto, a ideia de separação imaginada em entre homem e ambiente, entre animal

humano e não-humano e entre homens de classes sociais distintas que convivem num mesmo espaço perde boa parte de seu fundamento.

A conferência **Rio+20** foi amplamente criticada por vários motivos ligados à questão de (falta de) afinidade entre os seres vivos e seu meio. Um deles se encontra no fato de a expressão “desenvolvimento sustentável” ter sido (ab)usada sem que as implicações de cada um dos termos que a compõem fossem devidamente consideradas. Este fato, de acordo com muitos especialistas na questão ambiental, revelou uma certa negligência por partes das autoridades que discutiam os temas propostos no encontro e ainda revelava o domínio do discurso corporativista na reunião. Segundo o teólogo Leonardo Boff, em uma palestra dada na **Cúpula dos Povos**²⁰ – alternativa à **Rio+20**, também no Rio de Janeiro e durante os mesmo período da primeira – desenvolvimento e sustentabilidade “têm lógicas contraditórias”. O desenvolvimento é linear, gerador de exclusões e grandes desigualdades, e pretende crescer infinitamente com o investimento menor possível, num espaço de tempo mais rápido possível e com a competição mais forte possível”. Já a sustentabilidade “vem do âmbito da ecologia, é circular, incluyente, e visa a coexistência dos seres e a coevolução deles”. Ainda segundo Boff, no artigo “Melhoras ao modelo vigente de sustentabilidade?”²¹, publicado pelo Instituto Humanitas Unisinos, para que o desenvolvimento seja sustentável, ele deve ser economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto. Sem estas três dimensões, o tripé é insuficiente.

Nas obras literárias analisadas, a insuficiência do tripé que sustentaria o desenvolvimento é evidente. No capítulo I, “O poder de consumo como instrumento da

²⁰ Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=0FfVLnfNMLk&feature=youtu.be>

²¹ Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508724-melhorasaomodelovigentedesustentabilidade>

cidadania verde em *Humana Festa* de Regina Rheda”, vimos que o veganismo ilustrado na obra não é sustentável em nenhum dos aspectos preconizados pela “sustentabilidade”. Ele é economicamente inviável para a maioria da população, por fazer uso de produtos de preço bastante elevado quando comparado aos regulares, como alimentos orgânicos e/ou importados. O veganismo do romance de Rheda também é socialmente injusto, por não dedicar a mesma atenção dada aos direitos dos animais aos direitos humanos. Dona Orquídea, praticante da doutrina vegana, é deixada de fora de uma celebração com a qual ela simpatiza e para a qual ela contribuiu por ser de uma classe socioeconômica inferior. Além disso, o cenário de *Humana Festa* é ambientalmente incorreto em consequência do processo industrialista agressivo que tomou conta do negócio agropecuário na atualidade. Os efeitos deste processo foram a destruição da grande maioria dos comércios locais e de imensas áreas verdes e de extrema biodiversidade, além da implementação de técnicas de (re)produção nocivas e violentas aos animais e poluidoras do ar, dos solos e rios.

No capítulo II, “A(m)parados: dilúvio, agonia e salvação através do consumo em *Os Aparados* de Letícia Wierzchowski”, examinei a falácia da tentativa de separação entre o homem e seu meio ambiente diante de catástrofes ecológicas, muitas vezes por ele provocada. Além disso, aponte o paradoxo estabelecido no fato do homem – pertencente a uma classe socioeconômica superior – lidar com uma reação da natureza ao seu uso desequilibrado através de seu próprio consumo e do isolamento da esfera pública. Ademais, aponte a ironia de o “kit sobrevivência” dos refugiados favorecidos economicamente contar com artigos tremendamente danosos ao meio ambiente. Finalmente, ainda no capítulo sobre a obra de Wierzchowski, verifiquei as noções de (não) cidadania no romance, manifestadas tanto para aqueles que se encontram no

(caótico) espaço público, quanto para os que contam com o privilégio de uma propriedade particular “sustentável”.

No terceiro e último capítulo desta tese, denominado “Sujeição de vidas ao Império Global em *El corazón de Doli* de Gustavo Nielsen”, revelo o forte comentário a respeito da sociedade contemporânea feito pelo autor através do jogo entre distopia e verossimilhança tão bem por ele articulado. No romance argentino de Nielsen, vidas humanas e não-humanas são manipuladas e consumidas – em diversos níveis – pelos possuidores de condições econômicas e, conseqüentemente, sociais, privilegiadas. Nestas circunstâncias, verifico a implacável “crise do natural”, influenciada pela artificialidade contida na sociedade da obra e influente nas relações entre as pessoas, sejam elas profissionais, familiares, etc. No terceiro capítulo, além de identificar a escassez de naturalidade entre os personagens de *El corazón de Doli*, indico também a escassez de natureza material como símbolo de reminiscência o resquício de simpatia e espontaneidade presentes no mundo pós-moderno.

Diante deste paradigma, faz-se necessária e urgente uma reavaliação da visão mecanicista do mundo proposta por nomes como Descartes, Newton, Galileu e Locke, e fomentada por movimentos como a própria Rio+20. Um meio ambiente – natural e social – indelével deve ser garantir aos oprimidos, sejam eles humanos ou não, a possibilidade de um projeto de vida justo e harmônico em relação aos demais. Por esta razão, é preciso que se aprofunde a noção de cidadania como um conjunto de direitos – para todos – e deveres para com os demais membros do meio ambiente, aumentando, assim, a participatividade do indivíduo em lutas conjuntas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- À Margem Do Xingu: Vozes Não Consideradas*. Dir. Damià Puig. 2011.
- Agamben, Giorgio. *The Open: Man and Animal*. Stanford, Calif: Stanford University Press, 2004. Print.
- Avatar*. Dir. James Cameron. 20th Century Fox Home Entertainment, 2009. Film.
- Baudrillard, Jean, and Jim Fleming. *Fatal Strategies*. New York: Semiotext(e), 1990. Print.
- . *Simulacros e Simulação*. Trans. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. Print.
- . *The Gulf War Did Not Take Place*. Bloomington: Indiana University Press, 1995. Print.
- Bauman, Zygmunt. "Collateral Casualties of Consumerism." *Consuming Life*. Cambridge: Polity, 2007. 117-50. Print.
- . *Mundo-consumo: Ética del individuo en la aldea global*. Trans. Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós, 2010. Print.
- Berian, Josetxo, and Capdequí C. Sánchez. Prólogo. *Las consecuencias perversas de la modernidad: modernidad, contingencia y riesgo*. By Anthony Giddens. Barcelona: Anthropos, 1996. Print.
- Bíblia Sagrada Português-Ingês*. São Paulo: Vida, 2003. Print.
- Birch, Charles, and John B. Cobb. *The Liberation of Life: From the Cell to the Community*. Cambridge: Cambridge UP, 1981. Print.

- Boff, Leonardo. "Melhoras Ao Modelo Vigente De Sustentabilidade?" *Instituto Humanitas Unisinos*. N.p., 23 Apr. 2012. Web. 29 May 2012.
<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508724-melhorasaomodelovigentedesustentabilidade>>.
- Capra, Fritjof, and Newton Roberval Eicheberg. *A Teia Da Vida: uma Nova Compreensão Científica Dos Sistemas Vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996. Print
---. *As Conexões Ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2001. Print.
- Clark, Timothy. *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Print.
- Corson, Walter H. *The Global Ecology Handbook: What You Can Do about the Environmental Crisis*. Boston: Beacon, 1990. Print.
- Derrida, Jacques. *A Farmacia De Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991. Print.
Derrida, Jacques. *O Animal Que Logo Sou*. São Paulo: UNESP, 2002. Print.
- Descartes, René, and Anthony Kenny. *Descartes: Philosophical Letters*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981. Print.
- Debord, Guy, and Estela S. Abreu. *A Sociedade do Espetáculo: Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. Print.
- Disch, Robert. *The Ecological Conscience; Values for Survival*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1970. Print.
- Ehrlich, Paul R, and Anne H. Ehrlich. *Population, Resources, Environment: Issues in Human Ecology*. San Francisco: W.H. Freeman, 1972. Print.
- Ehrlich, Paul R, Anne H. Ehrlich, and John P. Holdren. *Human Ecology; Problems and Solutions*. San Francisco: W.H. Freeman, 1973. Print.

Elias, Denise. *Globalização E Agricultura*. São Paulo: EDUSP, 2003. Print.

"Entrevista Com Regina Rheda, Escritora Vegana E Abolicionista." Entrevista por Alexandra Isfahani-Hammond, Fabiane Niemeyer, and Rafael Jacobsen. *Gato Negro*. 23 Mar. 2009. Web. 11 Dec. 2010. <<http://gato-negro.org/entrevista-com-regina-rheda-escritora-vegana-e-abolicionista/>>.

Fast Food Nation. Dir. Richard Linklater. By Richard Linklater and Eric Schlosser. Prod. Jeremy Thomas and Malcolm McLaren. Perf. Greg Kinnear. Fox Searchlight Pictures, 2006.

Ferreira, Ermelinda. "Metáfora Animal: A Representação do Outro da Literatura." *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 26 (2005): 119-35.

Food, Inc. Dir. Robert Kenner. Magnolia Pictures, 2008. Film.

García Canclini, Nestor. *Diferentes, Desiguais e Desconectados Mapas da Interculturalidade*. Trans. Luiz Sérgio Henriques. Rio De Janeiro: UFRJ, 2008. Print.

Gregory, K J. *The Earth's Natural Forces*. New York: Oxford University Press, 1990. Print.

Holston, James. "Citizenship in Disjunctive Democracies". *Citizenship in Latin America*. Ed: Joseph S Tulchin. and Meg Ruthenburg. Boulder: Lynne Rienner, 2006. 75-94.

Jameson, Fredric. "Globalização E Estratégia Política." *Contracorrente: O Melhor da New Left Review em 2000*. Comp. Emir Sader. Rio De Janeiro: Record, 2001. Print.

- . *Pos-modernismo: A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. Trans. Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Atica, 1996. Print.
- Kotler, Philip. *Marketing*. São Paulo: Atlas, 1980. Print.
- Lang, Tim, David Barling, and Martin Caraher. "Food, Social Policy and the Environment: Towards a New Model." *Social Policy & Administration* 35.5 (2001): 538-58. Print.
- Leonardo Boff *Na Cúpula Dos Povos*. Dir. Ecoar Jovem. *Sustentabilidade E Economia Verde*. N.p., 19 June 2012. Web. 3 July 2012.
<<http://www.youtube.com/watch?v=0FfVLnfNMLk>>.
- Lévi-Strauss, Claude. *Totemism*. Boston: Beacon Press, 1963. Print.
- Luiz, Lindomar T. "A Ideologia do Consumismo." *Colloquium Humanarum* Dec 3.2 (2005): 39-44. *Revistas Unoeste*. Web. 4 May 2011.
<<http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/view/204>>.
- Lyman, Francesca. *The Greenhouse Trap: What We're Doing to the Atmosphere and How We Can Slow Global Warming*. Boston: Beacon, 1990. Print.
- Man's Impact on the Global Environment: Assessment and Recommendations for Action; Report*. Cambridge, Mass: MIT, 1970. Print.
- Mattos, Paulo H.C. "A Globalização Neoliberal No Brasil: O Avanço do Agronegócio e o Papel da Administração Pública." *Fundação Lauro Campos Socialismo e Liberdade*. 25 May 2008. Web. 10 Dec. 2010.
<<http://www.socialismo.org.br/portal/politica/47-artigo/393-a-globalizacao-neoliberal-no-brasil-o-avanco-do-agronegocio-e-o-papel-da-administracao-publica>>.

McCormick, John. *Rumo Ao Paraíso: A História do Movimento Ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. Print.

Meat The Truth. Dir. Karen Soeters and Gertjan Zwanikkendir. 2008. DVD.

Nielsen, Gustavo. *El corazón de Doli*. Buenos Aires, Argentina: El Ateneo, 2010. Print.

O Veneno Está Na Mesa. Dir. Silvio Tendler. 2011.

Pearce, David. "Criação Animal Intensiva. Um Outro Holocausto?" Interview by Márcia Junges. *IHU Online*. N.p., 02 May 2011. Web. 16 June 2011.

<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3811&secao=359>.

"Pictures of Garbage Series". By Vik Muniz. Rio de Janeiro: MAM. 2008.

Recife Frio. Dir. Kleber Mendonça Filho. 2009.

Rheda, Regina. *Humana Festa*. Rio de Janeiro: Record, 2008. Print

"Rio+20 é O Maior Evento Já Realizado Pela ONU, Diz Porta-voz." *Jornal Do Brasil*. N.p., 22 June 2012. Web. 22 June 2012.

Ritzer, George. *McDonaldization: The Reader*. 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Pine Forge, 2010. Print.

Serrano, Climene M. L. *Educação ambiental e consumerismo em unidades de ensino fundamental de Viçosa-MG*. Viçosa : UFV Press, 2003.

Sertão Progresso. Dir. Cristian Cancino. 2010.

Solomon, Michael. *O Comportamento Do Consumidor: Comprando, Possuindo e Sendo*. São Paulo: Atlas, 2001. Print.

Tamboro. Dir. Sergio Bernardes. 2009.

Tenório, Maria Clara C. "O Admirável Mundo Novo: Fábula Científica ou Pesadelo Virtual?" *Revista Urutágua*. Universidade Estadual De Maringá, May 2001.

Web. 1 May 2011. <http://www.urutagua.uem.br//ru10_sociedade.htm>.

Vayda, Andrew P. *Environment and Cultural Behavior: Ecological Studies in Cultural Anthropology*. Garden City, N.Y: Published for American Museum of Natural History [by] Natural History Press, 1969. Print.

White, Lynn. "The Historical Roots of Our Ecological Crisis." *Science* 155 (1967): pp. 1203-1207.

Wierzchowski, Leticia. *Os Aparados*. Rio de Janeiro: Record, 2009. Print.

Žižek , Slavoj. "First as Tragedy, Then as Farce." Lecture. RSA Events. London. 08 Dec. 2010. *RSA*. 24 Nov. 2009. Web. <<http://www.thersa.org/events/vision/vision-videos/slavoj-zizek-first-as-tragedy,-then-as-farce>>.